

Um novo
Tempo da História
História A 10.º ano

10

Célia Pinto do Couto

Maria Antónia

Monterroso Rosas

***Caderno
do Professor***

ALGUMAS PALAVRAS

Um Novo Tempo da História conta com o insubstituível desempenho do professor. Só ele pode abrir os horizontes do Tempo e nele conduzir os seus alunos, iniciando-os na análise crítica dos factos e no processo de construção do conhecimento histórico.

Pequeno contributo para uma grande tarefa, o *Caderno do Professor*:

- apresenta a planificação a longo e médio prazos para todos os módulos;
- sugere planificações de aula para 90 minutos;
- desenvolve guiões de visita de estudo;
- apresenta as soluções das tarefas propostas no módulo 0;
- explora o *PowerPoint* da amostra.

Que estes elementos se revelem úteis e facilitadores do nosso trabalho de todos os dias é o que, sinceramente, desejamos.

As Autoras

SUMÁRIO

1. Programa oficial de História A (estrutura dos módulos)	04
2. Planificação a longo prazo	12
3. Módulo 0	13
3.1 Planificação do módulo 0	14
3.2 Avaliação Diagnóstica – Propostas de Resolução	16
3.3 A História à velocidade de cruzeiro – tópicos de correção das tarefas propostas nos guiões	17
4. Módulo 1	25
4.1 Planificação a médio prazo	26
4.2 Plano-tipo de aula (90 minutos)	32
4.3 Guião para uma visita de estudo à Estação Arqueológica de Tongobriga	34
5. Módulo 2	37
5.1 Planificação a médio prazo	38
5.2 Plano-tipo de aula (90 minutos)	44
5.3 Guião para uma visita de estudo a Silves	46
6. Módulo 3	51
6.1 Planificação a médio prazo	52
6.2 Plano-tipo de aula (90 minutos)	62
6.3 Guião para uma visita de estudo ao Mosteiro dos Jerónimos	64
7. Guia de exploração do <i>PowerPoint</i> (amostra)	70

1 Programa Oficial de História A (estrutura dos módulos)

Módulo 0 Aprender/Estudar História

Orientação geral:

O módulo inicial reveste-se de um carácter propedêutico, devendo ser desenvolvido de acordo com a seguinte orientação:

- conhecer a situação dos alunos, a partir de uma avaliação diagnóstica, relativamente ao conhecimento histórico e às competências específicas com ele relacionadas;
- proceder à recuperação orientada dos grandes quadros cronológicos e espaciais globais proporcionados pelas aprendizagens previstas no ensino básico;
- sensibilizar para a importância do conhecimento histórico como suporte de inteligibilidade do mundo contemporâneo;
- valorizar os saberes dos alunos, visando a reorientação e o desenvolvimento de atitudes favoráveis à aprendizagem.

Deverão ser **excluídas teorizações sobre metodologias da História e sobre o estatuto epistemológico do conhecimento histórico.**

Tempo previsto: 6 aulas

Conteúdos	Conceitos/Noções	Situações de aprendizagem – sugestões
A História: tempos e espaços ■ Quadros espaciotemporais; períodos históricos e momentos de rutura ■ Processos evolutivos; a multiplicidade de fatores ■ Permutas culturais e simultaneidade de culturas ■ História nacional e história universal – interações e especificidade do percurso português	Fonte histórica Tempo histórico Cronologia Periodização Património Condicionalismo Efeito Ciências Sociais	De acordo com a orientação prevista para este módulo, o professor, como criador de currículo, deverá construir caminhos adequados aos contextos e às necessidades dos alunos. Assim, os tópicos enunciados não devem ser abordados de uma forma sequencial mas antes vistos e tratados como direções de aprendizagem, no contexto de uma exploração integrada e organizada em função dos eixos maiores do tempo e do espaço. A abordagem à noção de período histórico decorrerá, essencialmente, da análise da multiplicidade de documentos, acentuando-se, sobretudo, as mutações e o carácter contrastante das diferentes épocas. A recolha e o tratamento da informação devem resultar de um trabalho guiado pelo professor, de seleção e consulta de documentos e recursos – em suportes variados e devidamente didatizados – de diversa natureza e índole (enciclopédias, atlas, coleções documentais, dados numéricos com suporte informático), escritos e iconográficos, áudio e audiovisuais. Documentos alusivos a aspetos materiais e do quotidiano; documentos relacionados com monumentos, com sítios classificados, com vestígios arqueológicos. Sugere-se que se privilegiem documentos que constituam exemplos marcantes de cada uma e das diversas épocas, cotejados com outras informações, numa análise cruzada que evidencie articulações. Importa que o professor, face à sobredensificação da informação, ensine o aluno a procurá-la, a sistematizá-la, a avaliar a sua pertinência. A avaliação diagnóstica deverá também possibilitar a aferição de dificuldades linguísticas, nos domínios da oralidade e da escrita. Deverão, por isso, ser utilizadas técnicas de comunicação oral, trabalhados e produzidos textos para cultivar e melhorar essas competências e incentivar a interatividade entre a oralidade e a expressão escrita.

Consideram-se como aprendizagens relevantes as que são contempladas na matriz de competências essenciais promovidas no Ensino Básico, destacando-se:

- compreender a noção de período histórico como resultado de uma reflexão sobre permanências e mutações nos modos de vida das sociedades, num dado espaço;
- organizar quadros cronológicos e espaciais da História de Portugal e da História Geral estabelecendo inter-relações;
- reconhecer a diversidade de documentos e a necessidade de uma leitura crítica;
- exercer a prática de recolha de informação e a sua transformação em conhecimento;
- desenvolver a noção de relativismo cultural.

Módulo 1 Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica

Orientação geral:

O módulo 1 centra-se na herança da Antiguidade Clássica, devendo ser desenvolvido de acordo com a seguinte orientação:

- contrastar o modelo político-cultural desenvolvido num espaço de grande dimensão – o Império Romano dos séculos I a IV – com o modelo ateniense no seu período de apogeu (séculos V a IV a. C.);
- centrar o estudo nos aspetos que se prendem com o exercício da cidadania e nos que remetem para cânones culturais revisitados ao longo dos tempos;
- proporcionar condições para a compreensão da importância do legado cultural da cidade antiga na construção da civilização europeia.

Tempo previsto: 20 aulas, sendo de **aprofundamento** o ponto 2., para o qual serão reservadas cerca de **12 aulas**.

Conhecimentos do Ensino Básico considerados como suporte: *O espaço mediterrâneo na antiguidade clássica; Os Gregos no séc. V a. C.; O Mundo Romano no apogeu do Império; Origem e difusão do Cristianismo no Império Romano.*

Conteúdos	Conceitos/Noções	Situações de aprendizagem – sugestões
1. O modelo ateniense 1.1. A democracia antiga: os direitos dos cidadãos e o exercício de poderes 1.2. Uma cultura aberta à cidade ■ As grandes manifestações cívico-religiosas ■ A educação para o exercício público do poder ■ A arquitetura e a escultura, expressão do culto público e da procura da harmonia	Pólis Ágora Democracia antiga Cidadão* Meteco Escravo Ordem arquitetónica	■ Elaboração/análise de mapas: divisão política da Grécia em Estados-cidade; o Império Romano – estrutura urbana e rede viária; populações da Península Ibérica nas vésperas da conquista romana; progressão da conquista romana da Península Ibérica; presença de povos bárbaros no Império, no século IV, e progressiva fortificação de fronteiras; divisão administrativa do Império no século IV e sua correlação com a organização da Igreja cristã. ■ Elaboração de tabelas cronológicas situando: as fases de apogeu da civilização grega e da civilização romana; a progressiva integração da Península Ibérica no Império Romano; o triunfo do cristianismo no Império. ■ Elaboração de um glossário de termos de origem grega e de origem latina referentes à arte e aos sistemas políticos das civilizações clássicas. ■ Reconhecimento, em plantas e em maquetas de Atenas e de Roma, das áreas destinadas às manifestações religiosas, às atividades cívicas e ao lazer nas duas cidades. Pesquisa, em fontes textuais e iconográficas, de informação sobre o impacto do urbanismo na qualidade de vida das populações do Império, com levantamento dos equipamentos urbanos facilitadores do quotidiano e caracterização comparada das “ilhas” e das habitações das camadas sociais abastadas. ■ Análise de excertos de manuais escolares romanos referentes ao ensino do Direito. ■ Visita de estudo a uma estação arqueológica elucidativa da romanização da Península Ibérica. ■ Visionamento, apoiado em guiões de observação e registo de opiniões, de filmes que, embora não diretamente relacionados com os conteúdos do módulo recriem aspetos do mundo romano, p. ex., <i>O Gladiador</i>, de Ridley Scott (2000). ■ Elaboração de pequenas biografias de individualidades que tenham exercido influência relevante na cidade antiga, no período cronológico abrangido pelo módulo. ■ Pequeno trabalho de ficção sobre o percurso, na Península Ibérica, de um soldado romano, desde a mobilização até ao regresso à sociedade civil. ■ Leitura comentada de <i>Astérix na Hispânia</i>, de Goscinny e Uderzo, com análise da construção literária dos estereótipos sobre os povos.
2. O modelo romano 2.1. <u>Roma, cidade ordenadora de um império urbano</u> ■ <u>A unidade do mundo imperial: o culto a Roma e ao imperador, a codificação do direito, a progressiva extensão da cidadania</u> 2.2. <u>A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática</u> ■ <u>A padronização do urbanismo e a fixação de modelos arquitetónicos e escultóricos</u> ■ <u>A apologia do Império na épica e na historiografia; a formação de uma rede escolar urbana uniformizada</u> 2.3. <u>A romanização da Península Ibérica, um exemplo de integração de uma região periférica no universo imperial</u>	Urbe* Império* Fórum Direito* Magistratura Urbanismo* Pragmatismo Romanização* Município Aculturação	

Conteúdos	Conceitos/Noções	Situações de aprendizagem – sugestões
3. O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança ■ O Império universal romano-cristão. A Igreja e a transmissão do legado político-cultural clássico ■ Prenúncios de uma nova geografia política: a presença dos “bárbaros” no Império	Igreja romano-cristã Civilização* Época clássica	Sugestões para trabalho em equipa: ■ Organização de um debate na turma: <i>A democracia antiga e a democracia nos nossos dias</i>. ■ Constituição de um dossiê de turma sobre o ideal olímpico na Grécia ou sobre os Jogos Olímpicos no passado e no presente, com vista à reflexão sobre os problemas de natureza ética que as práticas desportivas levantam nos nossos dias. Recurso ao site da Internet www.museum.olympic.org e a <i>Jogos Olímpicos, Um Século de Glória, Atenas 1896 – Atlanta 1996</i>, Lisboa, Ed. Público, 1996. ■ Pesquisa em fontes iconográficas e em textos de Virgílio e de Tito Lívio de aspetos relativos à apologia do Império; recurso, p. ex., a catálogos de museus e a M. H. Rocha Pereira (1994), <i>Romana Antologia da Cultura Latina</i>. Coimbra: Universidade de Coimbra. ■ Organização de um arquivo coletivo com reproduções de obras de arte do período clássico, textos de especialistas e apreciações pessoais dos alunos, com recurso aos sites da Internet: <i>Musée du Louvre</i> e <i>British Museum</i>. ■ Ficha de leitura de um capítulo da obra de Mário de Carvalho (1994), <i>Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde</i>. Lisboa: Ed. Caminho. Distribuição dos capítulos da obra pelos alunos da turma, a quem caberá fazer o levantamento dos modos de vida, do traje, dos equipamentos urbanos e dos expoentes culturais do Império Romano na Lusitânia, bem como do impacto da difusão do cristianismo na vida de algumas personagens. ■ Elaboração de quadros comparativos da situação social e política das mulheres em Atenas e em Roma ou das formas de aceitação/discriminação dos estrangeiros nas duas cidades. ■ Trabalho no âmbito da História local ou regional sobre vestígios da presença romana em Portugal e elaboração de um guião de visita aos sítios estudados, a divulgar à escola; possível intercâmbio com outras escolas.

Na sequência da atividade desenvolvida, relevam-se as seguintes aprendizagens:

- identificar a *pólis* ateniense como um centro politicamente autónomo onde se tornou possível desenvolver formas de participação democrática restritas à comunidade dos cidadãos;
- **interpretar a extensão do direito de cidadania romana como um processo de integração da pluralidade de regiões sob a égide do Estado imperial;
- **identificar na romanização da Península Ibérica os instrumentos de aculturação das populações submetidas ao domínio romano;
- **distinguir formas de organização do espaço nas cidades do Império, tendo em conta as suas funções cívicas, políticas e culturais;
- **sensibilizar-se para a importância do legado políiticocultural clássico como uma das matrizes da formação da civilização europeia ocidental;
- compreender as virtualidades do espaço mediterrânico como lugar de encontros e de sínteses;
- desenvolver a sensibilidade estética, através da identificação e da apreciação de manifestações artísticas do período clássico;
- valorizar processos de intervenção democrática na vida coletiva.

*Conceitos/**Aprendizagens estruturantes

Conteúdos de aprofundamento

Orientação geral:

- salientar, em termos genéricos, os fatores de unidade e de diversidade na Europa do século XIII;
- explicitar a articulação entre o mundo rural e o mundo urbano no contexto da afirmação da cidade na Europa feudal;
- evidenciar formas de sociabilidade, cultura e mentalidade que tiveram a sua origem ou afirmação na fase mais dinâmica e criativa da História medieval da Europa ocidental.
- analisar a especificidade da sociedade portuguesa, no período de afirmação de Portugal como entidade política autónoma.

Conhecimentos do Ensino Básico considerados como suporte: *Formação de Portugal no contexto da Reconquista; Dinamismo do mundo rural nos séculos XII e XIII; Lisboa nos circuitos do comércio europeu; Do Românico ao Gótico.*

1

Conteúdos	Conceitos/Noções	Situações de aprendizagem – sugestões
2.3. O país rural e senhorial ■ O exercício do poder senhorial: <u>privilégios e imunidades; a exploração económica do senhorio; a situação social e económica das comunidades rurais dependentes</u> 2.4. O poder régio, fator estruturante da coesão interna do reino ■ A centralização do poder – <u>justiça, fiscalidade e defesa; a reestruturação da administração central e local – o reforço dos poderes da chancelaria e a institucionalização das Cortes</u> ■ O combate à expansão senhorial e a <u>promoção política das elites urbanas</u> ■ A afirmação de Portugal no quadro político ibérico 3. Valores, vivências e quotidiano 3.1. A experiência urbana – Uma nova sensibilidade artística – o Gótico ■ As mutações na expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias ■ A expansão do ensino elementar; a fundação de universidades 3.2. A vivência cortesã ■ A cultura leiga e profana nas cortes régias e senhoriais: educação cavaleiresca, amor cortês, culto da memória dos antepassados 3.3. A difusão do gosto e da prática das viagens: peregrinações e romarias; negócio e missões político-diplomáticas	Confraria Corporação Universidade Cultura erudita* Cultura popular* Arte gótica Época medieval	Sugestões para trabalhos em equipa: ■ Representação teatral: <i>Vivências nos concelhos medievais portugueses</i>. Análise de fontes iconográficas que evidenciem aspetos do quotidiano; análise de fontes escritas: forais, posturas municipais, pedidos dos concelhos em Cortes, legislação régia de âmbito geral (recurso, para este último aspeto, ao <i>Livro de Leis e Posturas</i>, ed. coord. por N. Espinosa Gomes da Silva, Lisboa: Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1971). ■ Seleção de informação complementar em obras historiográficas. Elaboração de um texto ficcionando um episódio em que esteja em causa a aplicação de legislação a uma minoria residente num espaço concelhio. Representação teatral. Eventual gravação em vídeo para debate posterior. ■ Organização de exposição – <i>O tempo do Gótico</i>. Visita de estudo a um monumento do gótico português ou a museus com pintura, escultura, ourivesaria ou paramentaria da época. Pesquisa em histórias da arte e na Internet de dados referentes ao gótico europeu e português nas suas diversas manifestações; observação de plantas e de alçados. Localização, em mapa da Europa, do material selecionado. Organização em dossiê. Seleção de imagens e elaboração de legendagem e de informação escrita para contextualizar as imagens. Apresentação à escola do material recolhido. Audição de música da época. ■ Elaboração de uma biografia: Ex. <i>D. Afonso III</i>. Recolha de informação que evidencie: a articulação com as cortes europeias; as relações com o poder papal e outros poderes eclesiásticos; as circunstâncias da deposição de D. Sancho II e do advento de D. Afonso III; a ação deste no sentido do reforço do poder real. Análise de poesia trovadoresca como fonte referente aos conflitos vassalicos na sequência da deposição de D. Sancho II. Pesquisa em dicionários e histórias de Portugal. ■ Ex. <i>Sto. António de Lisboa e Pádua</i>. Recolha de informação que evidencie as vivências religiosas da época e as opções do Santo; a importância da sua ação na época; as manifestações populares do seu culto. Recurso a L. Krus e A. Caldeira (1995). <i>8.º Centenário do Nascimento de Sto. António</i>. Lisboa: ed. CTT e F. Caeiro (1967) <i>Santo António de Lisboa</i>, Lisboa. ■ Elaboração de um videograma – <i>Da memória ao futuro, divulgar o património</i>. Recolha de informação referente a vestígios medievais da História local ou regional; visita a locais relevantes; elaboração de texto de guião de contextualização dos vestígios, tendo em vista a apresentação pelos alunos da informação obtida. Registro vídeo; possível intercâmbio com escolas de outras regiões.

Na sequência da atividade desenvolvida, relevam-se as seguintes aprendizagens:

- reconhecer na sociedade europeia medieval fatores de coesão que se sobrepuseram às permanentes diversidades político-regionais, distinguindo a importância da Igreja nesse processo;
- reconhecer no surto demográfico do século XIII, na expansão agrária que o acompanhou e no paralelo desenvolvimento urbano o desencadear de mecanismos favorecedores de intercâmbios de ordem local, regional e civilizacional;
- **reconhecer o senhorio como quadro organizador da vida económica e social no mundo rural tradicional, caracterizando as formas de dominação exercidas sobre as comunidades campesinas;
- **compreender a especificidade da sociedade portuguesa concelhia, distinguindo a diversidade de estatutos dos seus membros e as modalidades de relacionamento com o poder régio e os poderes senhoriais;
- **interpretar a afirmação do poder régio em Portugal como elemento estruturante da coesão do país concelhio e do país senhorial e promotor de missões de prestígio e de autonomia do reino no contexto da Cristandade ibérica;
- **compreender as atitudes e os quadros mentais que enformam a sociedade da época, distinguindo cultura popular de cultura erudita;
- desenvolver a sensibilidade estética através da identificação e apreciação de obras artísticas do período medieval;
- valorizar formas de organização coletiva da vida em sociedade.

*Conceitos/**Aprendizagens estruturantes

Conteúdos de aprofundamento

Módulo 3 A abertura europeia ao mundo
– mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI

Orientação geral:

O Módulo 3 circunscreve-se aos séculos XV e XVI, devendo ser desenvolvido de acordo com a seguinte orientação:

- proporcionar uma visão integrada da mentalidade e das expressões simbólicas nos séculos de formação da modernidade europeia;
- destacar o papel fundamental de Portugal nesse período histórico, especificando as mudanças de gosto e de mentalidade;
- promover a reflexão sobre o encontro de civilizações e o impacto dos primeiros contactos dos europeus com comunidades humanas até então desconhecidas.

Tempo previsto: 32 aulas, sendo de **aprofundamento** os pontos **2., 3.3. e 4.**, para o qual serão reservadas cerca de **16 aulas**.

Conhecimentos do Ensino Básico considerados como suporte: *Expansão e mudança nos séculos XV e XVI.*

Conteúdos	Conceitos/Noções	Situações de aprendizagem – sugestões
1. A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos - Principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações - O cosmopolitismo das cidades hispânicas – importância de Lisboa e Sevilha	Navegação astronómica Cartografia Experiencialismo* Mentalidade quantitativa Revolução copernicana*	- Elaboração/análise de mapas: áreas políticas e culturais dominantes no mundo extraeuropeu, no início do século XV; Estados europeus nos meados dos séculos XV e XVI; principais centros culturais na época do Renascimento; rotas marítimas e terrestres nos séculos XV e XVI; áreas ocupadas pelos impérios coloniais ibéricos no século XVI; expansão da Reforma no final do século XVI. - Análise comparada de documentos cartográficos e registo dos progressos no conhecimento geográfico do planeta. - Elaboração de tabela cronológica relativa aos principais acontecimentos culturais e religiosos do período. - Organização de um glossário de termos técnicos referentes às inovações técnicas, científicas e artísticas ocorridas na época. - Pesquisa, na <i>Crónica de D. João II</i>, de Garcia de Resende, de elementos característicos da sociabilidade cortesã e da figura do príncipe renascentista – entradas régias, as bodas do príncipe em Évora, etc. - Pesquisa nas crónicas portuguesas, nos relatos de viagens e em documentos iconográficos de elementos que documentem o encontro de portugueses com outros povos (p. ex., primeiros contactos com o reino do Congo – correspondência de D. Afonso, rei do Congo com os reis de Portugal, D. Manuel e D. João III; os portugueses no Japão – <i>Peregrinação</i> de Fernão Mendes Pinto, biombos Namban; recolha de informação na revista <i>Oceanos</i>). - Visionamento de um filme, seguido de debate, p. ex., <i>1492, Cristóvão Colombo</i>, de Ridley Scott (1992). Apoio do visionamento em guião que oriente a recolha de informação relevante – relações de poder e tensões sociais, motivações da viagem, diferenças de mentalidade condicionantes da tomada de decisões e das relações com o novo mundo e os seus habitantes. Debate versando o encontro de culturas, o cinema como memória histórica e interpretação do passado. - Outras sugestões, referentes a tensões e conflitos ideológicos vividos na época: <i>Um Homem para a Eternidade</i> de F. Zinnermann (1966), <i>Galileu</i>, de J. Losey (1975), <i>Dies Irae</i> de C. Dreyer (1943), <i>Elisabeth</i>, de Shekhar Kapur (1998), <i>A Rainha Margot</i>, de Patrice Chéreau (1994).
2. O alargamento do conhecimento do mundo - O contributo português: inovação técnica; observação e descrição da Natureza - A matematização do real; a revolução das conceções cosmológicas	Intellectual Civildade Renascimento* Humanista* Antropocentrismo* Naturalismo Classicismo* Perspetiva Manuelino*	
3. A produção cultural 3.1. Distinção social e mecenato - A ostentação das elites cortesãs e burguesas. O estatuto de prestígio dos intelectuais e artistas - Portugal: o ambiente cultural da corte régia 3.2. Os caminhos abertos pelos humanistas - Valorização da Antiguidade Clássica e consciência da modernidade; a afirmação das línguas nacionais - Individualismo, espírito crítico, racionalidade e utopia 3.3. A reinvenção das formas artísticas - Imitação e superação dos modelos da Antiguidade - A centralidade do observador na arquitetura e na pintura: a perspetiva matemática; a racionalidade no urbanismo. A expressão naturalista na pintura e na escultura - A arte em Portugal: o gótico-manuelino e a afirmação das novas tendências renascentistas		

Conteúdos	Conceitos/Noções	Situações de aprendizagem – sugestões
4. A renovação da espiritualidade e religiosidade 4.1. A Reforma Protestante - Individualismo religioso e críticas à Igreja Católica. A rutura teológica - As igrejas reformadas 4.2. Contrarreforma e Reforma Católica - Reafirmação do dogma e do culto tradicional - A reforma disciplinar; o combate ideológico - O impacto da reforma católica na sociedade portuguesa 5. As novas representações da Humanidade - O encontro de culturas e as dificuldades de aceitação do princípio da unidade do género humano: evangelização e escravização; os antecedentes da defesa dos direitos humanos	Reforma* Heresia Dogma* Predestinação Sacramento* Rito Concílio Seminário Catecismo Inquisição Índice Proselitismo Missionação* Miscigenação Providencialismo Direitos Humanos* Racismo Época moderna	- Pesquisa sobre a arte renascentista na Internet, em CD-Rom e em livros de História da Arte. Organização da informação em dossiê individual ou de turma, incluindo reproduções de obras, esquemas, registo de comentário de especialistas e de apreciações pessoais dos alunos. Cotejo com os dossiês organizados no âmbito dos módulos 1 e 2. - Elaboração de uma ficha de leitura de alguns capítulos de <i>Utopia</i>, de Thomas More. Sugestões para trabalhos em equipa: - Trabalho escrito – <i>O experiencialismo na cultura renascentista portuguesa</i>. Análise de fontes, p. ex., excertos de <i>Esmeraldo de Situ Orbis</i>, de Duarte Pacheco Pereira; <i>Roteiros</i> de D. João de Castro; <i>Colóquios dos Simples e Drogas da Índia</i>, de Garcia de Orta; recolha de informação que evidencie o contributo dos portugueses para o conhecimento da Natureza, fundamentado na observação e na experiência, e o confronto entre a tradição e a novidade (recurso à revista <i>Oceanos</i>). - Organização de exposição – <i>Gótico e Renascimento</i>. Visita de estudo a um monumento representativo da arquitetura renascentista ou manuelina na região. Pesquisa, no local, apoiada num itinerário/guião que oriente os alunos na leitura das permanências do Gótico e das inovações renascentistas; respostas, por escrito, às questões propostas pelo guião de trabalho, elaboração de registos gráficos e fotográficos; elaboração de registos escritos de contextualização; apresentação à escola. - Elaboração de CD-Rom – <i>A Virgem e o Menino na pintura do Renascimento</i>. Análise e comentário de obras renascentistas versando este tema (p. ex., de Leonardo da Vinci e de Rafael, no Museu do Louvre e na Galeria dos Uffizi, e de Gregório Lopes, no Museu de Arte Antiga de Lisboa), comparação com obras medievais. Pesquisa e visualização das imagens na Internet, em CD-Rom e em livros de História da Arte; recolha de dados. Comentário, salientando as características próprias da pintura renascentista, as marcas do individualismo de cada pintor no tratamento do tema, a pintura como expressão do Humanismo e da mentalidade da época, a persistência do tema desde a Idade Média e sua relação com o culto mariano. Gravação do trabalho em CD-Rom e apresentação à escola. - Elaboração de uma biografia e representação teatral – <i>Damião de Góis</i>. Recolha de dados sobre a vida de Damião de Góis – a estada no estrangeiro e os contactos com os intelectuais da época, a sua obra como cronista, o processo da Inquisição. Representação teatral de um episódio da vida do humanista, a partir de um guião produzido pelos alunos (p. ex., recriação de uma fase do processo da Inquisição, com recurso a diálogos da obra de Fernando Campos, <i>A Sala das Perguntas</i>). Audição de música da época. - Trabalho escrito e exposição oral – <i>Brasil, paraíso ou inferno?</i> Recolha de informação sobre as imagens contraditórias do Brasil e dos índios, desde a visão paradisíaca e do bom selvagem da <i>Carta</i> de Pêro Vaz de Caminha e do Atlas de Lopo Homem até às descrições das tribos guerreiras e à descoberta da antropofagia, p. ex., em Fernão Cardim, <i>Tratados da Terra e Gente do Brasil</i>. Cotejo com informação em Jean Delumeau, <i>Uma História do Paraíso</i>, Cap. V – “Outros países de sonho – América e paraíso”. - Representação teatral – <i>Bartolomeu de Las Casas, Advogado dos Índios</i>. Recolha de informação sobre a vida e obra de Las Casas e da controvérsia que as suas opiniões provocaram na época; análise de excertos de <i>Brevíssima relação da destruição das Índias</i>. Recriação teatral da assembleia reunida em 1550 perante Carlos V para resolver a questão dos índios – argumentação de Las Casas e dos seus opositores – apoiada em guião elaborado pelos alunos.

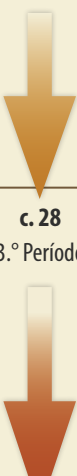
Na sequência da atividade desenvolvida, relevam-se as seguintes aprendizagens:

- ****reconhecer** o papel de vanguarda dos portugueses na abertura europeia ao mundo e a sua contribuição para a síntese renascentista;
- **identificar** a emergência e a progressiva consolidação de uma mentalidade quantitativa e experimental que prepara o advento da ciência moderna e proporciona ao Homem um maior domínio e conhecimento do mundo;
- reconhecer o prestígio da Coroa portuguesa na Época Moderna e a função valorizante da produção artística e literária nacional;
- ****identificar** no urbanismo, na arquitetura e na pintura a expressão de uma nova conceção do espaço, de carácter antropocêntrico;
- ****interpretar** as reformas – protestante e católica – como um movimento de humanização e individualização das crenças e de rejuvenescimento do cristianismo, não obstante a violência das manifestações de antagonismo religioso durante a Época Moderna;
- reconhecer o cristianismo como matriz de identidade dos Europeus e referente na apreciação qualitativa das outras culturas/civilizações;
- ****compreender** a modernidade como um fenómeno global que se manifesta nas ideias e nos comportamentos e encontra nos centros urbanos mais dinâmicos da Europa um espaço privilegiado de criação e de irradiação;
- valorizar os contactos multicivilizacionais, distinguindo o relativismo cultural daí decorrente;
- **identificar** na produção cultural renascentista as heranças da Antiguidade Clássica e as continuidades com o período medieval;
- desenvolver a sensibilidade estética através da identificação e apreciação de obras artísticas e literárias do período renascentista.

*Conceitos/**Aprendizagens estruturantes

Conteúdos de aprofundamento

2 Planificação a longo prazo

	Conteúdos*	Aulas de 90 minutos		
		Propostas*		Disponíveis (por período**)
		Unidades	Total	
Módulo 0	A História: tempos e espaços ■ Quadros espaciotemporais; períodos históricos e momentos de rutura ■ Processos evolutivos; a multiplicidade de fatores ■ Permutas culturais e simultaneidade de culturas ■ História nacional e história universal – interações e especificidade do percurso português	6	6	c. 40 (1.º Período) 
Módulo 1	1. O modelo ateniense 2. O modelo romano 3. O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança	6 12 2	26	
	Avaliação	6		
Módulo 2	1. A identidade civilizacional da Europa ocidental 2. O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico 3. Valores, vivências e quotidiano	6 16 6	32	c. 29 (2.º Período) 
	Avaliação	4		
Módulo 3	1. A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos 2. O alargamento do conhecimento do mundo 3. A produção cultural 4. A renovação da espiritualidade e religiosidade 5. As novas representações da Humanidade	2 4 10 6 3	29	c. 28 (3.º Período) 
	Avaliação	4		
Atividades	• Apresentação • Visitas de estudo • Outras atividades do PAA • Encerramento	1 (1.º P) 1 (2.º P) 1 (2.º P) 1 (3.º P)	4	
TOTAL		97	97	c. 97

* Gestão dos conteúdos a partir do programa oficial

** Com base no calendário escolar de 2013-14

3

Módulo 0

Aprender/Estudar História

3.1 Planificação do Módulo 0

3.2 Avaliação diagnóstica – proposta de resolução

3.3 A História à velocidade de Cruzeiro – tópicos de correção das tarefas propostas nos guiões

3.1 Planificação do Módulo 0

Conteúdos	Aprendizagens
A História: tempos e espaços ▪ Quadros espaciotemporais; períodos históricos e momentos de rutura ▪ Processos evolutivos; a multiplicidade de fatores ▪ Permutas culturais e simultaneidade de culturas ▪ História nacional e História universal – interações e especificidade do percurso português	▪ Compreender a noção de período histórico como resultado de uma reflexão sobre permanências e mutações nos modos de vida das sociedades, num dado espaço. ▪ Organizar quadros cronológicos espaciais da História de Portugal e da História Geral estabelecendo inter-relações. ▪ Desenvolver a noção de relativismo cultural. ▪ Reconhecer a diversidade de documentos e a necessidade de uma leitura crítica. ▪ Compreender a dinâmica histórica como um processo de continuidades, mudanças e ritmos de desenvolvimento condicionados por uma multiplicidade de fatores. ▪ <u>Aplicar os conceitos de:</u> tempo histórico, cronologia, periodização, fonte histórica, Ciências Sociais, património, condicionalismo, efeito.

Situações de aprendizagem	Páginas Manual 1.ª parte	N.º de aulas* e Avaliação
▪ Realização da Ficha diagnóstica. ▪ <i>A História à velocidade de Cruzeiro:</i> • Realização das tarefas e desafios propostos nos guiões de visita:	10 – 11 12 13 – 15 16 – 17 18 – 19 20 – 21 22 – 25	6 aulas Diagnóstica Realização da ficha de avaliação diagnóstica. Formativa Resposta às questões propostas nas tarefas dos guiões. • Apresentação dos trabalhos propostos pelo “Desafio da esfinge” no final de cada uma das cinco visitas. Autoavaliação O aluno poderá aferir o seu desempenho pela contabilização do número de milhas obtidas em cada tarefa.

3.2 Avaliação Diagnóstica

Propostas de resolução

Periodização/Datação tradicional da História

1.
 - A – Pré-História
 - B – Idade/Época Clássica
 - C – Idade Média/Época Medieval
 - D – Idade/Época Moderna
 - E – Idade/Época Contemporânea
2. Construção de uma barra cronológica tendo como referência o ano de nascimento do aluno. O aluno deverá assinalar no friso, à sua escolha, três acontecimentos nacionais ou internacionais que ocorreram desde então.
3. 1807
- 4.



As figuras 1 e 7 não se integram nas épocas consideradas na barra cronológica.

Localização no espaço



Interpretação de documentos

- 1.1 Compara-se o historiador àqueles que conhecem os factos através de uma longa cadeia de intermediários.
- 1.2 O problema é a possível deturpação dos factos históricos /reconstituição inexata do passado.
- 1.3 O historiador não observa o acontecimento diretamente: as informações vão-lhe chegando através de outros testemunhos (fontes históricas). O historiador deverá, utilizando o método histórico, reunir o maior número possível de fontes, fazer a sua crítica externa (autenticidade da fonte) e interna (conteúdo, credibilidade, importância da fonte). Só assim poderá reconstituir corretamente o passado.

3.3 A História à velocidade de cruzeiro

Tópicos de correção das tarefas propostas nos guiões

1.ª escala Visita a Delfos

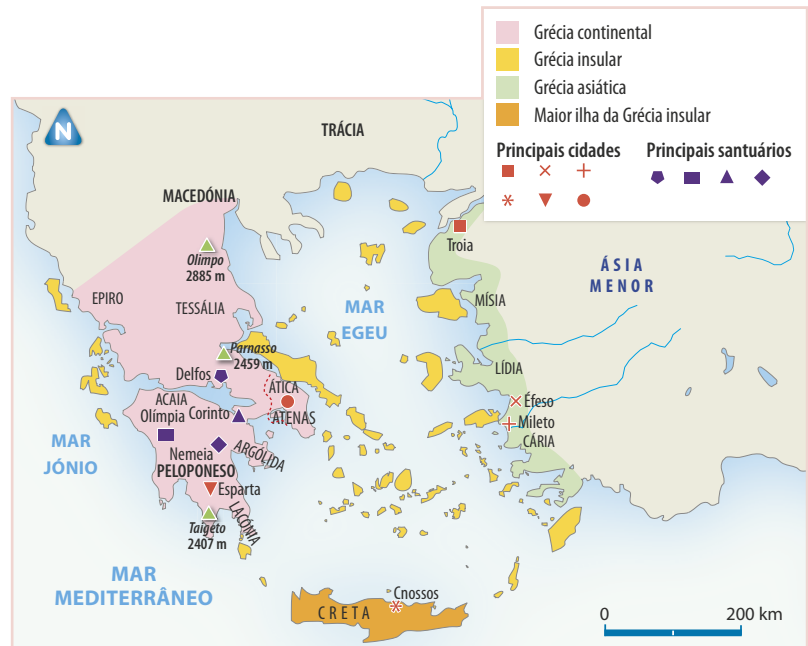
Tarefas

Tarefa 1

Legendar um mapa histórico

Tópicos de correção

- A legenda deverá respeitar as indicações dadas no enunciado da tarefa. Embora à escolha do aluno, os dois símbolos diferentes que assinalam as cidades e os santuários devem ser adequados, integrando-se nos que correntemente se utilizam nos mapas históricos.



A Grécia Antiga.

Tarefa 2

Recriar uma situação histórica

- A recriação de uma situação histórica é uma questão que apela à criatividade dos alunos. Assim, considerar-se-á correto um texto bem estruturado e coerente que, à semelhança do documento “Profecia de Crespo”, refira:
 - as oferendas concedidas;
 - a questão colocada aos oráculos;
 - uma profecia/ resposta dos oráculos que permita duas ou mais interpretações;
 - a interpretação da profecia.

Tarefa 3

Inferir informações a partir de dois documentos complementares

- Identificar na planta do santuário as construções visíveis na fotografia.
- Indicar a finalidade das construções observadas na fotografia.
- Explicar a presença, no santuário, de edifícios de cariz desportivo e teatral.
- Construções visíveis:
 - O Tesouro dos Atenienses (n.º 8 da planta)
 - O Templo de Apolo (n.º 15 da planta)
 - O teatro (n.º 18 da planta)
 - O estádio (n.º 19 da planta)
- A finalidade das construções:
 - O tesouro dos atenienses: guardar as oferendas feitas pela cidade de Atenas ao santuário.
 - O templo: cerimónias de culto ao deus Apolo.
 - O teatro: representações teatrais.
 - O estádio: competições de carácter desportivo.
- Os concursos teatrais e as provas de cariz desportivo integravam as festividades religiosas e eram olhadas como uma forma de honrar os deuses, razão pela qual se construíam, nos santuários, edifícios com essas funções.

Tarefas

■ Tarefa 4

Analisar fontes históricas

- Referir as qualidades evidenciadas pelo auriga na *Ode* de Píndaro.
- Justificar se o rosto e o corpo do auriga evidenciam essas qualidades.
- Indicar a recompensa devida aos vencedores dos jogos, segundo a *Ode* de Píndaro.
- Apresentar elos de ligação entre os Jogos antigos e os jogos (Olímpicos) da atualidade.

Tópicos de correção

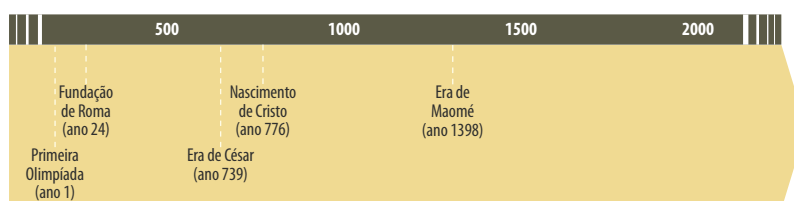
- Empenho, coragem, determinação, desinteresse material.
- O rosto do auriga revela firmeza, determinação, concentração; o seu corpo, esguio mas atlético, exibe força e segurança, quer através da postura, quer na forma como segura as rédeas dos cavalos.
Nota: Serão de considerar outras leituras da imagem, desde que coerentes e devidamente fundamentadas.
- Os vencedores dos jogos deviam ser reconhecidos pela sua coragem, determinação e esforço; deviam ser elogiados e homenageados tanto pelos seus concidadãos como pelos estrangeiros.
- Poderão ser considerados, entre outros, os seguintes aspetos:
 - tal como os Jogos antigos promoviam a união entre todos os Gregos, os atuais Jogos Olímpicos pretendem unir os povos e países de todo o Mundo;
 - realizam-se hoje provas desportivas semelhantes às dos antigos Jogos Olímpicos (maratona, luta, lançamento do dardo, corrida ou atletismo...);
 - tal como na Antiguidade, os vencedores não recebem recompensas monetárias, mas sim reconhecimento público.

■ Tarefa 5

Utilizar diversas referências cronológicas

- Indicar os séculos a que correspondem as datas de início de cada uma das Eras indicadas.
- Localizar, na barra cronológica, o início das diferentes eras tendo como referência de contagem grega – Era das Olimpíadas.

- 776 a. C. – século VIII a. C.
- 753 a. C. – século VIII a. C.
- 38 a. C. – século I a. C.
- 3761 a. C. – século XXXVIII a. C.
- 622 d. C. – século VII d. C.



Nota: Correspondendo o ano 776 a. C. ao ano 1 (e não ao ano 0), o resultado da subtração efetuada para determinar o início das eras de Roma e de César deve ser acrescido de 1 ano.



DESAFIO

■ Averiguar quem foi Cronos na mitologia grega.

Na mitologia grega, Cronos era o deus da agricultura e também simbolizava o tempo. Filho de Urano (Céu) e Gaia (Terra), Cronos era o mais jovem da primeira geração de titãs. De acordo com a mitologia, Cronos tirou o seu pai do poder, casou-se com a irmã Reia e assumiu o governo do Universo. Todavia, Cronos temia uma profecia segundo a qual o seu poder seria também derrubado por um dos seus filhos. Temeroso, Cronos passou a devorar todos os seus filhos. Reia, atormentada, conseguiu salvar um deles, Zeus, escondendo-o numa caverna na ilha de Creta. Para enganar Cronos, entregou-lhe uma pedra embrulhada num lençol que este devorou sem se aperceber do engano. Depois de crescer, Zeus afrontou o pai, fazendo Cronos vomitar os seus irmãos (Hades, Hera, Héstia, Posídon e Deméter) e expulsando-o definitivamente do Olimpo. Zeus assumiu-se então como o rei dos deuses gregos. Segundo a tradição clássica, **Cronos** simbolizava o tempo e por isso Zeus, ao derrotá-lo, conferiu imortalidade aos deuses.

2.^a escala Visita a Éfeso

Tarefas

■ Tarefa 1

Localizar os acontecimentos no tempo

- Ordenar cronologicamente os acontecimentos da História de Éfeso.

- Selecionar os factos da história de Éfeso que se inserem na Época Antiga.
- Identificar o facto que marca a transição da Idade Média para a Idade Moderna.

■ Tarefa 2

Interpretar uma planta

- Identificar na planta do sítio arqueológico de Éfeso.
- Identificar quatro profissões relacionadas com os espaços e edifícios assinalados na imagem.

■ Tarefa 3

Classificar fontes históricas e inferir informações

- Classificar as fontes históricas apresentadas.

- Retirar uma informação fiável a partir de cada uma das fontes.

Tópicos de correção

- 1 – C. de 1200 a. C.: Início da colonização grega
- 2 – 560 a. C.: O rei Creso da Lídia ocupa a cidade de Éfeso
- 3 – 133 a. C.: Éfeso passa a fazer parte do Império Romano
- 4 – 53: São Paulo chega a Éfeso onde permaneceu cerca de 3 anos
- 5 – 263: Os Godos invadem e destroem a cidade
- 6 – 431: Realização do III Concílio Ecuménico, convocado pelo imperador Teodósio II
- 7 – 716: Primeiras ocupações árabes, início da decadência de Éfeso
- 8 – 1453: Queda do Império Romano do Oriente. Éfeso passa a fazer parte do Império Otomano
- 9 – 1922-1923: Fim do Império Otomano; proclamação da República da Turquia

- Acontecimentos 1, 2, 3, 4, 5, 6 (1 e 2, civilizações pré-clássicas; 3, 4, 5 e 6, civilizações clássicas)
- A queda do Império Romano do Oriente, em 1453.

- (Poderão ser consideradas, entre outras opções)

- 1 construção com funções políticas: **Palácio do Conselho da cidade na Ágora do Estado**
- 1 construção com funções religiosas: **Templo de Domiciano/Templo de Serápis**
- 1 construção com funções culturais: **Biblioteca de Celsus/Grande Teatro**
- 1 construção de utilidade pública: **Termas/latrinas**
- 1 construção destinada ao desporto: **Estádio/Ginásio**

- Profissões relacionadas com os espaços e edifícios assinalados na imagem: magistrados; funcionários públicos; bibliotecários; atores; sacerdotes; mercadores, entre outras.

- *O templo de Artemísia*: fonte escrita (obra literária)
- *Os sete adormecidos*: fonte oral (lenda)
- *Pormenor da inscrição da Porta de Mazeus e Mitridates*: fonte escrita (epigráfica)
- *Moeda de Éfeso*: fonte material /arqueológica
- *Pegada e desenho de mulher gravados no pavimento*: fonte material (figurada)
- *Biblioteca de Celsos*: fonte material

- **O templo de Artemísia**: os versos confirmam a existência do templo de Artemísia e mostram a admiração que este edifício podia provocar em quem o visitava.
- **Os sete adormecidos**: a lenda mostra que, no século III, alguns dos habitantes de Éfeso professavam já o cristianismo; que o cristianismo foi, de início, uma religião perseguida pelas autoridades romanas.
- **Pormenor da inscrição da Porta de Mazeus e Mitridates**: o texto refere que o imperador Augusto foi divinizado e que acumulou importantes cargos como os de pontífice máximo, cônsul e tribuno, os dois últimos repetidamente; que foi casado com Lúvia; que a porta monumental em que se encontra a inscrição foi patrocinada por Mazeus e Mitridates.
- **Moeda de Éfeso**: a moeda atesta a atividade mercantil da cidade e a cunhagem de moeda própria; mostra também a veneração pela deusa Artemísia.
- **Pegada e desenho de mulher gravados no pavimento**: atesta a existência de um bordel na cidade, assim como a procura deste estabelecimento pelos estrangeiros recém-chegados (maioritariamente pelo porto de mar) que não conheciam a sua localização.
- **Biblioteca de Celsus**: permite inferir a importância dada à cultura e às obras escritas, bem como o protagonismo cultural da cidade.



■ Relatar uma lenda ou tradição ligada ao nosso país ou região.

Deve considerar-se correta a resposta que integre o relato de uma lenda ou tradição do nosso país.

3.^a escala Visita a Arles

Tarefas

■ Tarefa 1

Analisar uma fonte escrita

- Apresentar um sinónimo de “sarracenos”.
- Indicar os séculos em que ocorreram os ataques dos sarracenos a Arles.
- Retirar do texto, expressões que mostrem o poder político e económico do arcebispo de Arles.
- Indicar duas razões que levaram os sarracenos a atacarem Arles.
- Descrever sumariamente o acontecimento relatado no documento.

Tópicos de correção

- Muçulmanos
- Século VIII
- “O arcebispo de Arles construíra um castelo”; “A abadia de S. Cesário [...] era muito rica e de grandes rendimentos”; “[...] pediram um o resgate de 150 libras de prata, 150 mantos, 150 prisioneiros e 150 espadas”; “[...] Quando este foi pago [...]”
- A riqueza e os rendimentos da abadia/cidade; os sarracenos queriam ter um porto nesta ilha/cidade.
- O documento relata um ataque dos sarracenos à Ilha Camargue. A prosperidade da cidade e a sua localização geográfica atraíram os muçulmanos que invadiram a ilha com o objetivo de se aproveitarem das suas riquezas e aí estabelecerem um porto. O senhor da cidade, o Arcebispo de Arles, alarmado com a aproximação dos invasores refugiou-se no interior do seu castelo. Os sarracenos, contudo, tomaram o castelo e prenderam o bispo, exigindo o pagamento do resgate. O bispo morreu, entretanto, mas os sarracenos, tendo recebido o resgate, cumpriram a sua promessa: vestiram o bispo com os paramentos episcopais e, sentado numa cadeira, com toda a dignidade, entregaram-no aos habitantes da cidade. Só então é que estes se aperceberam que o arcebispo estava sem vida, o que os fez sentir-se enganados.

■ Tarefa 2

Cruzar informações de fontes diversas

- Indicar a utilidade dada ao anfiteatro de Arles.

- Apresentar uma hipótese explicativa para a figura que representa o anfiteatro durante a Idade Média.

- **Na Antiguidade:** anfiteatro, onde se realizavam espetáculos públicos, como luta de gladiadores, corridas de quadrigas, combates com animais...
- **Na Idade Média:** era a cidade propriamente dita e as suas paredes a muralha que a cercava e delimitava.
- **Na atualidade:** o anfiteatro voltou à sua função original: nele decorrem espetáculos de música, corridas de touros e outros eventos públicos.
- A insegurança provocada pelas invasões, como é relatado no documento anterior, levou a população a procurar refúgio no interior das paredes do anfiteatro. Aí se construíram as habitações e aí decorriam as atividades urbanas.

■ Tarefa 3

Analisar uma fonte material

- Identificar dois elementos arquitetónicos de inspiração greco-romana.
- Indicar dois motivos decorativos do tímpano e fachada da catedral.

- Arcos de volta perfeita; colunas com capitéis coríntios; abóbada de berço.
- Motivos de inspiração religiosa, cristã: representação do Juízo final e da Sagrada Família; motivos vegetalistas: folhagens, ramagens...

Tarefas

■ Tarefa 4

Estabelecer relações de causa e efeito

- Distinguir a comunidade judaica e cristã no aspeto religioso.
- Referir o estatuto económico-social dos judeus da Provença.
- Apresentar uma hipótese explicativa para o facto dos judeus da Provença necessitarem da proteção do Papa.

Tópicos de correção

- Embora a religião cristã derive da crença judaica num Deus único, para os cristãos, Jesus Cristo encarnou o Messias anunciado pelos profetas do Antigo Testamento. Os Judeus não reconhecem Cristo como o Messias (enviado de Deus).
- A prática de negócios (comércio e atividades financeiras) tornou os judeus da Provença um grupo economicamente próspero, conforme se pode constatar pelo vestuário, confortável e de qualidade, exibido pelos membros dessa comunidade. Os judeus da primeira figura parecem protagonizar uma operação financeira, com uma bolsa de dinheiro na mão.
- As comunidades judaicas eram comuns nas várias cidades da Europa medieval e moderna. Os judeus eram homens de negócios: possuíam oficinas manufatureiras, dedicavam-se ao comércio e às atividades financeiras, na qualidade de banqueiros ou cambistas. As suas crenças religiosas, o seu poder económico, os seus negócios (o juro e a usura eram condenados pelos cristãos) e até o seu nível cultural tornavam-nos alvo da desconfiança e da inveja da maioria cristã. Era-lhes vedada a convivência social e a frequência de determinados locais, viviam em bairros próprios e eram obrigados a ostentar nas suas vestes um distintivo que os identificava. Economicamente ativos e úteis mas socialmente ostracizados, os judeus necessitavam da proteção das entidades políticas e religiosas – neste caso, do Papa – para poderem manter a sua residência e atividades económicas num determinado local.



DESAFIO

- Pesquisar na Internet duas pinturas cujas temáticas se situam na Provença e explicar porque foi esta região tão apreciada pelos pintores.

Jean Honoré Fragonard, Vincent van Gogh, Henry Matisse, Paul Signac, Paul Cézanne, Pablo Picasso, Paul Gauguin são alguns dos pintores que passaram pela região da Provença, no Sul de França, e se deixaram inspirar pelas cores, cheiros e luz da sua paisagem natural e pela beleza pitoresca das suas vilas e cidades. Aos alunos, sugere-se a apresentação de duas pinturas cuja temática seja um ambiente da Provença.

4.ª escala Visita a Florença

Tarefas

■ Tarefa 1

Estabelecer relações de condicionalismo-efeito

- Apresentar alguns dos condicionalismos que permitiram a Florença ser o berço do Renascimento.
- Indicar, com base no texto, duas formas de exibição da riqueza por parte das famílias poderosas.

Tópicos de correção

- **Condicionalismo económico:** a prosperidade económica procedente do comércio, da atividade manufatureira e da atividade financeira.
- **Condicionalismo político:** os governantes de Florença eram originários da elite burguesa (mercadores, homens de negócios, donos de manufaturas). Empreendedora e intelectualmente curiosa, a classe dirigente possuía uma cultura refinada e alguns dos seus membros foram humanistas.
- **Condicionalismo sociocultural:** amantes da cultura e das artes, as elites burguesas rivalizavam entre si protegendo as letras e as artes.
- As famílias mais poderosas exibiam o seu poder e prestígio apoiando a cultura e financiando a construção de obras públicas, palácios e igrejas.

Tarefas

■ Tarefa 2

Cruzar informações de fontes diversas

- Indicar os edifícios que mais claramente se distinguem no espaço da cidade.
- Expor a razão que poderá ter levado o artista a representar-se na gravura.
- Apresentar três pormenores que mostrem a vitalidade da cidade.

■ Tarefa 3

Analisar um monumento arquitetónico

- Identificar quatro elementos arquitetónicos de inspiração clássica.
- Apresentar duas inovações arquitetónicas do Renascimento utilizadas por Brunelleschi na cúpula da Catedral de Santa Maria das Flores.

■ Tarefa 4

Analisar um documento iconográfico

- Apresentar o quadro, referindo:

Tópicos de correção

- **As igrejas e catedrais:** A Catedral de Santa Maria das Flores (1); a Igreja de Santa Maria Novella (6); o Batistério (2) e a Igreja de Santa Cruz (7).
- **Os Palácios:** O Palácio Vecchio (3) e o Palácio Pitti (6).
- **As várias pontes** que ligam a cidade nas duas margens do rio.
- **A longa muralha** que protege a cidade de uma e outra margem do rio.
- Os artistas do Renascimento tomaram conhecimento do seu valor e prestígio e tinham orgulho nas suas obras. Por isso, autenticavam-nas através das suas assinaturas e, noutros casos, pela representação deles próprios.
- O crescimento da cidade patente no número de edifícios dentro da muralha, que se estende para lá do rio, e nos edifícios construídos extramuros.
- O conjunto monumental de grandes edifícios (palácios e catedrais) que exibem o poder e riqueza da cidade.
- O número de pontes que ligam um e outro lado da cidade corrobora a ideia de que o movimento de mercadorias e pessoas na cidade era grande.
- As gentes que durante o dia desenvolvem atividades fora das portas da cidade, abastecendo-a de produtos (o movimento no rio e nas margens).
- O frontão triangular.
- Os arcos de volta perfeita.
- O friso.
- As colunas decorativas com capitéis coríntios.
- A cúpula.
- O óculo.
- A utilização de dois cascos separados, encastrados no outro, permitindo que a construção ascendesse em círculos concêntricos cada vez mais estreitos mas que se sustinham por si. Da aplicação desta técnica resultou a construção de uma cúpula de dimensões enormes.
- O levantamento da cúpula sem a tradicional armadura de madeira, sendo as rampas de transporte de materiais e pessoas substituídas por mecanismos de elevação.
- **O autor e tema:** Sandro Botticelli, *Vénus e Marte*.
- **A data:** c. 1483.
- **As personagens principais:** Vénus e Marte; **personagens secundárias:** faunos.
- **A forma de representação das personagens:** Vénus e Marte ocupam toda a dimensão do quadro. Representados a partir dos lados esquerdo e direito, os seus braços estendem-se ao longo dos corpos semierguídos, enquanto as suas pernas estendidas e cruzadas ocupam toda a área inferior central do cenário. Marte, deus da guerra, despojado da sua indumentária bélica, é representado nu, dormindo relaxadamente. Vénus, deusa do amor, formosamente trajada e confortavelmente sentada, vigia o sono de Marte. As suas vestes displicentemente caídas contrastam com a sua expressão tranquila mas grave e atenta.
- **O cenário:** Trata-se de um espaço bucólico e tranquilo onde os deuses repousam serenamente, enquanto os faunos se divertem brincando com as armas de Marte.
- **A técnica utilizada:** têmpera e óleo sobre madeira.

Tarefas

- Elemento de influência clássica presente no quadro.

Tópicos de correção

- O tema mitológico.



DESAFIO

- Apresentar uma obra de um pintor renascentista.

Apresentação de um quadro de um pintor renascentista segundo os tópicos de análise indicados na tarefa 4.

5.ª escala Visita a Mértola

Tarefas

■ Tarefa 1

Relacionar acontecimentos da História universal, nacional e local.

- Apresentar dois acontecimentos da História local que sejam resultado da História universal.

- Identificar outro acontecimento da História local diretamente ligado à História universal e nacional.

- Referir, em relação à História local:

- Referir o papel desempenhado por Portugal na História universal do século XV.

Tópicos de correção

- Instalação de um aquartelamento romano em Mértola – acontecimento relacionado com a formação do Império Romano.

- Integração de Mértola no reino visigodo da Península Ibérica – acontecimento relacionado com as invasões bárbaras.

- Exportação, a partir do porto de Mértola, de carregamentos de cereais para as praças portuguesas do Norte de África – acontecimento relacionado com a expansão marítima europeia e com os descobrimentos portugueses.

- Um facto de cariz político – considera-se correto um dos seguintes factos: Mértola, capital de um reino taifa (em 1044 e em 1144); conquista de Mértola por D. Sancho II (1238); carta de foral de Mértola por D. Afonso III (1254); reforma da carta de foral por D. Manuel I (1512)

- Um facto de carácter económico – considera-se correto um dos seguintes factos: início da exportação, a partir do porto de Mértola, de ouro, prata e cobre de minas da região; exportação, a partir do porto de Mértola, de carregamentos de cereais para as praças portuguesas do Norte de África

- Um facto de carácter cultural – considera-se correto um dos seguintes factos: basílica paleocristã (difusão do Cristianismo); construção da mesquita (influência cultural muçulmana)

- Portugal assumiu o pioneirismo e protagonizou o início da expansão europeia com a conquista de Ceuta em 1415.

■ Tarefa 2

Interpretar testemunhos do património local

- Apresentar três razões que justificaram a criação do Museu de Mértola.

- Identificar a ciência auxiliar da história que tem contribuído para a descoberta do património histórico de Mértola.

- O Museu de Mértola foi criado com o objetivo de estudar, tratar, preservar e divulgar o património histórico descoberto nas várias escavações arqueológicas realizadas na região de Mértola.

- Arqueologia

Tarefas

Apresentar testemunhos

- Dos três povos que ocuparam Mértola entre os séculos I a. C. a VIII.
- Dos contactos de Mértola com um povo do Mediterrâneo oriental.
- Das influências religiosas exercidas no território de Mértola.

■ Tarefa 3

Interpretar um exemplo do património arquitetónico

- Referir por ordem cronológica os diferentes povos que ocuparam o local da atual igreja de Mértola.
- Identificar na atual Igreja Matriz de Mértola.

■ Tarefa 4

Analisar elementos do património cultural

- Apresentar três exemplos da importância da História para a preservação do património cultural.
- Indicar duas outras ciências sociais que também contribuem para a preservação do património cultural.
- Identificar dois exemplos do património cultural popular.

Tópicos de correção

- **Romanos:** Estátua masculina romana em mármore, à moda imperial do século I d. C.
- **Visigodos:** Paineis de mosaicos visigodos.
- **Muçulmanos:** Tigela islâmica; fragmento de lápide funerária islâmica, dos séculos XI-XII.
- **Contatos com os Gregos:** No mausoléu do século VI, as inscrições nas lápides indicam o enterramento de pessoas de origem grega, certamente ricos comerciantes; o painel de mosaicos, encontrado na Basílica Paleocristã do século V, revela influências bizantinas.
- **Influência cristã:** A medalha em ouro, dos séculos IV-V, encontrada na necrópole romana, é composta por um crismon, monograma dos inícios do cristianismo.
- **Influência islâmica:** Fragmento de lápide funerária islâmica, dos séculos XI-XII, com inscrição em árabe e em nome de Alá.

- Romanos, Visigodos, Muçulmanos, Cristãos.
- **Um elemento decorativo do templo paleocristão:** a decoração dos capitéis inseridos na estrutura da porta da igreja;
- **Um elemento construtivo de influência gótica:** abóbada com cruzamento de ogivas;
- **Dois elementos arquitetónicos ou decorativos de influência muçulmana:** o arco em ferradura da porta interior e o altar muçulmano;
- **Um elemento decorativo renascentista (com influências clássicas):** a porta da Igreja e o óculo;
- **Uma técnica construtiva de influência regional:** o uso da cal e do tijolo.

- Através da investigação dos vestígios (fontes) do passado do Homem (em colaboração com a Arqueologia, a Epigrafia, a Numismática...), a História traz à luz do dia um conjunto de bens que contam a história dos homens.
- Pela análise desses vestígios estabelecem-se relações que permitem compreender melhor as sociedades humanas.
- Ao preservar os vestígios e o passado dos homens, a História conserva também a memória e a identidade cultural dos povos.
- A Antropologia, a Sociologia; ou a Etnologia, a Linguística; a Economia, a Geografia Humana.
- Edifícios (pontes, templos, castelos, solares...), esculturas, mas também os costumes, as lendas, as tradições, os cantares, os pregões, a gastronomia... são exemplos do património cultural de uma região ou localidade.



DESAFIO

- **Apresentar uma construção significativa do património cultural da sua região.**

Apresentação, oral ou escrita, de uma construção do património cultural da região, que respeite os itens estabelecidos: identificação, localização no espaço e no tempo; finalidades da sua utilização, interesse histórico.

4

Módulo 1

Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica

4.1 Planificação a médio prazo

4.2 Plano-tipo de aula (90 minutos)

**4.3 Guião para uma visita de estudo
à Estação Arqueológica de Tongobriga**

4.1 Planificação a médio prazo

26 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 1 (pp)	Saberes/Aprendizagens
1. 0 modelo ateniense 1.1. A democracia antiga 1.1.1. Um mundo de cidades-estado – A ágora – A organização do espaço cívico 1.1.2. A democracia ateniense – Os direitos dos cidadãos: isonomia, isocracia e isegoria – A importância da oratória – Uma democracia direta – O exercício dos poderes 1.1.3. Os limites da democracia antiga – A reduzida proporção do corpo cívico – Os excluídos: mulheres, metecos e escravos 1.2. Uma cultura aberta à cidade 1.2.1. As grandes manifestações cívico-religiosas – O culto cívico – As Panateneias – As Grandes Dionisiacas – Os jogos 1.2.2. A educação para o exercício público do poder 1.2.3. A arquitetura e a escultura, expressão do culto público e da procura da harmonia – A arquitetura – A escultura	32-71 34-50 51-69	■ Reconhecer a fragmentação política do mundo grego. ■ Caracterizar a pólis. ■ Descrever os espaços da cidade grega. ■ Salientar a ágora como espaço privilegiado da vida cívica. ■ Referenciar os principais órgãos do Governo ateniense. ■ Mostrar o carácter direto da democracia antiga. ■ Avaliar os limites da participação democrática. ■ Comparar a democracia ateniense com a democracia atual. ■ Relacionar a educação dos jovens com o exercício da cidadania. ■ Justificar a importância conferida à oratória no contexto da democracia directa. ■ Explicar o significado das grandes manifestações cívico-religiosas. ■ Identificar os elementos básicos da arquitetura grega. ■ Reconhecer o pendor idealista das obras escultóricas. ■ Evidenciar os objetivos estéticos e religiosos da arte clássica. ■ Sensibilizar-se para a importância do legado político-cultural clássico como uma das matrizes da civilização europeia ocidental*. ■ Desenvolver a sensibilidade estética através da identificação e da apreciação de manifestações artísticas do período clássico. ■ Dominar conceitos: pólis; ágora; democracia antiga; cidadão*; meteco; escravo; ordem arquitetónica * Conceitos e aprendizagens estruturantes

Situções de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 1. ■ Apresentação e exploração do <i>PowerPoint</i> – Arte grega: humanismo e racionalismo. ■ Análise da documentação e exploração dos <i>Dossiês</i>: “Proteger a Democracia” (pp. 44 e 45); “O Pártenon” (pp. 68 e 69); ■ Resolução da situação-problema: “Debater as virtudes e defeitos do sistema democrático” (Caderno do Aluno, pp. 84 a 86). ■ Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – elaboração de uma recolha de termos de origem grega utilizados na atualidade, comparando o seu uso no passado e no presente; – elaboração, em conjunto com a disciplina de Introdução à Filosofia, de pequenas biografias dos principais pensadores gregos; – elaboração de um quadro comparativo entre a democracia directa e a democracia representativa, destacando os diferentes momentos em que os cidadãos portugueses, na atualidade, podem exercer o direito ao voto; – elaboração, recorrendo aos sítios recomendados da Internet e à biblioteca da escola, de um dossiê de obras de arte da Grécia Antiga com a respetiva identificação e breve análise. – recolha de diferentes mitos da Grécia Antiga, salientando o seu valor histórico e metafórico; – elaboração de trabalhos sobre a discriminação das mulheres na atualidade, comparando-a com o modelo social da Grécia Antiga; – exercício prático, com o auxílio da disciplina de Educação Física, de algumas das modalidades desportivas existentes na Grécia Antiga.	6 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas nas rubricas: – Dossiê (manual) – Analisar documentos/Fontes e Resolução de situações-problema do Caderno do Aluno – Realização das fichas números 1 e 2 do Caderno do Aluno. 1 A partir do Programa Oficial

26 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 1 (pp)	Saberes/Aprendizagens
2. O modelo romano 2.1. Roma, cidade ordenadora de um império urbano* 2.1.1. A cidade que se fez império – Um mundo de cidades – O poder imperial 2.1.2. A unidade do mundo imperial – O culto a Roma e ao imperador – A codificação do direito – A progressiva extensão da cidadania 2.2. A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática* 2.2.1. A cultura romana: pragmatismo e influência helénica 2.2.2. A padronização do urbanismo 2.2.3. A fixação de modelos artísticos – A arquitetura – A escultura – O relevo 2.2.4. A apologia do Império na épica e na historiografia – A poesia épica – A História 2.2.5. A formação de uma rede escolar urbana uniformizada – O ensino – A difusão de rede escolar 2.3. A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização da Península Ibérica* 2.3.1. A conquista 2.3.2. Os veículos da romanização – Uma densa rede de cidades – O exército e a imigração – A ação das autoridades provinciais – A língua, a religião e o direito – O desenvolvimento económico e a rede viária	72-123 74-87 88-107	■ Localizar o espaço imperial romano. ■ Reconhecer o carácter urbano da civilização romana. ■ Referir, de forma abreviada, as instituições governativas da Roma Antiga. ■ Explicar a importância assumida pelo imperador como elemento de coesão política. ■ Salientar a riqueza e a utilidade do Direito Romano. ■ Distinguir as etapas de extensão da cidadania aos diversos povos do Império. ■ Reconhecer a extensão do direito de cidadania romana como processo de integração das regiões no Império*. ■ Caracterizar genericamente a cultura romana. ■ Distinguir formas de organização do espaço nas cidades do Império, tendo em conta as suas funções cívicas, políticas e culturais*. ■ Identificar os modelos arquitetónicos e escultóricos da civilização romana. ■ Evidenciar a intenção apologética da épica e da historiografia. ■ Descrever o sistema de ensino romano. ■ Identificar na romanização da Península Ibérica os instrumentos de aculturação das populações submetidas ao domínio romano*. ■ Sensibilizar-se para a importância do legado político-cultural romano*. ■ Compreender as virtualidades do espaço mediterrânico como espaço de encontros e de sínteses. ■ Desenvolver a sensibilidade estética através da identificação e da apreciação de manifestações artísticas do período clássico. ■ Sensibilizar-se para a importância do legado político-cultural clássico como uma das matrizes da civilização europeia ocidental*. ■ Dominar conceitos: império*; urbe*; magistratura; Direito*; pragmatismo; urbanismo*; fórum; romanização*; aculturação; município.
* Conteúdos de aprofundamento		* Conceitos e aprendizagens estruturantes

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 2; ■ Apresentação e exploração de um <i>PowerPoint</i> – Arte romana: didatismo e pragmatismo ■ Aplicação do plano de aula sobre a padronização do urbanismo; ■ Análise da documentação e exploração dos Dossiês: “Os poderes de Augusto” (pp. 78 e 79); “Uma cidadania aberta” (pp. 86 e 87); “Pompeia, a cidade esquecida” (pp. 96-98) “Todos os caminhos vão dar a Roma” (pp. 118-120) ■ Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – elaboração de uma barra cronológica onde constem as principais etapas da civilização greco-latina; – organização, ao nível da escola, de uma sessão de poesia greco-latina, se possível com o auxílio de um professor com formação em literaturas clássicas; – visita de estudo aos vestígios da cidade romana de Tongobriga, de acordo com o Guião proposto no <i>Caderno do Professor</i>, pp. 34 a 36; – palestra por um jurista convidado sobre a permanência do Direito latino na atualidade; – elaboração de uma ficha de leitura, com o auxílio da disciplina de Língua Portuguesa, sobre o romance de Marguerite Yourcenar <i>Memórias de Adriano</i>; – leitura comentada de vários volumes da série <i>Astérix</i> para elaboração de uma listagem dos mais divertidos anacronismos.	12 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas nas rubricas: – Dossiê (manual); ■ Realização das fichas números 3, 4 e 5 do Caderno do Aluno. 1 A partir do Programa Oficial

26 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 1 (pp)	Saberes/Aprendizagens
3. O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança 3.1. O Império Universal Romano-Cristão 3.1.1. O cristianismo 3.1.2. O Império Romano-Cristão 3.1.3. A Igreja e a transmissão do legado político-cultural clássico 3.2. Prenúncios de uma nova geografia política 3.2.1. O Império em crise – A divisão definitiva do Império 3.2.2. Os bárbaros no Império – As grandes invasões 3.2.3. O fim do Mundo Antigo	124-141 126-131 132-139	■ Contextualizar o nascimento do cristianismo. ■ Identificar os princípios fundamentais da nova fé. ■ Explicar a difusão do cristianismo no espaço romano. ■ Avaliar a importância dos Éditos de Milão e de Tessalónica para o triunfo da religião cristã. ■ Mostrar o papel da Igreja como transmissora do legado político-cultural clássico. ■ Descrever, em traços gerais, a crise político-militar do Império Romano. ■ Situar cronologicamente as grandes invasões bárbaras. ■ Referir o impacto das invasões nas estruturas políticas, económicas e culturais do mundo romano. ■ Destacar o legado político-cultural clássico como uma das matrizes da formação da civilização europeia ocidental*. ■ Reconhecer o espaço mediterrânico como espaço de encontros e de sínteses. ■ Dominar conceitos: Igreja romano-cristã; civilização*; época clássica.
* Conteúdos de aprofundamento		* Conceitos e aprendizagens estruturantes

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 3. ■ Análise da documentação e exploração do <i>Dossiê</i>: “Os bárbaros vistos pelos romanos” (pp. 138 e 139). ■ Aprender a analisar um mapa histórico através da metodologia sugerida na rubrica Analisar documentos / fontes do Caderno do Aluno (pp. 68 e 69): Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – análise histórica, em grupo, de excertos do <i>Novo Testamento</i>, comparando, para um mesmo episódio da vida de Cristo, as abordagens dos diferentes evangelistas; – visionamento de um episódio da série <i>Roma</i> (2005) para análise da reconstituição histórica dos tempos finais do governo de Júlio César.	2 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas nas rubricas: – Dossiê (Manual) – Analisar documentos/Fontes (Caderno do Aluno) ■ Realização da ficha número 6 do Caderno do Aluno 1 A partir do Programa Oficial

4.2 Plano-tipo de aula

Módulo 1

Unidade 2 O modelo romano

Subunidade 2.2. A afirmação imperial de uma cultura urbana pragmática

Assunto/Sumário A padronização do urbanismo

Desenvolvimento dos conteúdos (Linha conceptual)	Saberes/Aprendizagens	Metodologia
Centro da vida social, política, económica e cultural, a cidade romana constituiu um dos elementos de unidade do Império. Por todo o Império renovaram-se as antigas cidades e outras foram sendo construídas. Estas cidades seguiam o modelo da cidade-mãe – Roma – mas, ao contrário desta, que cresceu de forma anárquica, a fundação de uma nova cidade implicava um cuidadoso planeamento. De forma pragmática, os Romanos planificaram o traçado das ruas, a localização dos edifícios públicos e das infraestruturas necessários à vida da população.	▪ Distinguir formas de organização do espaço nas cidades romanas relacionando-as com as suas funções cívicas, políticas e culturais*. ▪ Aplicar os conceitos de pragmatismo, urbanismo* e fórum. * Aprendizagens/Conceitos estruturantes	O professor deverá privilegiar um tipo de aula que favoreça a construção dos saberes/aprendizagens pelos alunos, partindo das técnicas de: ▪ diálogo orientado que estimule o raciocínio; ▪ exposição clara e ordenada; ▪ resolução de questões, individualmente ou em grupo (de pares ou mais alargado).

Duração: 90 minutos

Situações de aprendizagem/Recursos

1 Motivação:

- Apresentar aos alunos uma reconstituição da cidade de Conímbriga.
- Solicitar aos alunos a identificação de três aspetos que aproximam e três aspetos que distinguem a cidade romana da cidade atual.

2 Questões orientadoras:

- Como estava organizada a cidade romana?
- Quais os principais espaços públicos que integravam a cidade romana?
- Quais os equipamentos imprescindíveis à vida dos romanos?
- Que tipo de habitações existiam nas cidades romanas?

3 Desenvolvimento:

- **Exploração do documento 13, p. 90/resolução da questão 1, p. 91:** Baseada nos acampamentos militares e nos ensinamentos do arquiteto grego Hipódamo, a cidade de Timgad é um exemplo do modelo de planificação urbana. O traçado urbano (ruas, edifícios públicos, habitações, praças, templos...) bem como as infraestruturas necessárias à vida urbana (esgotos, aquedutos, mercados, passeios...) eram cuidadosamente previstos e planificados. Tal como Timgad, as novas cidades, eram construídas em torno de dois eixos principais, o *cardo* e o *decumanos*, que estabeleciam a ligação com as portas da cidade. Estas duas vias serviam ainda de referência ao alinhamento geométrico das ruas e à ordenação das habitações e das lojas de comércio e, na sua interceção, erguia-se o fórum.
- **Exploração do documento 14, p. 91/ resolução das questões 2, 3 e 4, p. 91:** O fórum, principal praça da cidade romana, era o centro político e religioso da cidade. Nas suas imediações localizavam-se a basílica e a cúria (edifícios administrativos), os templos (edifícios sagrados), as lojas e mercados. Ao fórum afluíam políticos, comerciantes e simples plebeus para tratarem dos seus negócios, inteirarem-se das novidades ou, simplesmente, para se passearem pelos seus pórticos. Em Roma, a capital do Império, o crescimento urbano levou os imperadores a construírem novas praças – os fóruns imperiais.
- **Exploração dos documentos 15 e 16, pp. 92 a 94/ resolução das questões 1, 2 e 3, p. 95:** à semelhança de Roma, as cidades romanas eram dotadas de um conjunto de edifícios utilitários e de convívio, como as termas (banhos públicos), os circos, os anfiteatros, os teatros e bibliotecas que, pela sua monumentalidade, projetavam igualmente o poder de Roma e do Império.
- **Exploração do documento 17, p. 95 /resolução das questões 4 e 5, p. 95:** Nas cidades romanas proliferavam as *insulae*, prédios com várias habitações de pequenas divisões, alugadas pelas famílias mais pobres; nos arredores da cidade, localizavam-se as *domus*, moradias luxuosas onde residiam as famílias dos cidadãos mais ricos.

4 Síntese:

- Síntese oral ou escrita com as ideias fundamentais.
- Síntese esquemática, construída ao longo, ou no final da aula.

5 Avaliação:

- Observação direta focada na qualidade das intervenções e respostas dos alunos às questões levantadas pelos documentos e pelo professor.
- Resolução, em TPC, das atividades propostas no Dossiê: “Pompeia, a cidade esquecida” (pp. 96-97).

4.3 Guião para uma visita de estudo à Estação Arqueológica de Tongobriga

A – Breve notícia histórica

Nas imediações da atual cidade do Marco de Canaveses, na localidade do Freixo, um grupo populacional do tempo do imperador Augusto habitou, produziu artefactos, manteve trocas comerciais, prestou culto aos deuses e aos seus mortos.

Este aglomerado urbano, inserido no convento bracarense, adquiriu preponderância pela localização no trajeto da via *Bracara-Emerita*, por Viseu. O topónimo Tongobriga aparece referido, pela primeira vez, no livro segundo, capítulo IV do livro de Ptolomeu *Geographia*, do século II.

NTHA/UCP © Pedro Editora

Pretende-se que a visita aos vestígios desta *civitas* proporcione:

1. Uma aproximação cativante à história geral da romanização do território que atualmente é Portugal e à especificidade dos seus contornos a nível local;
2. O contacto directo com os elementos constituintes da cidade romana, constatando que o mundo romano era, efectivamente, um mundo de cidades;
3. A recolha de informação a partir de fontes da civilização material;
4. Um maior esclarecimento sobre o ofício do historiador/arqueólogo;
5. A consolidação das temáticas abordadas em sala de aula.

B – Breve notícia arqueológica

A designação Tongobriga deriva da seguinte inscrição num bloco granítico encontrado em 1882: [G]ENIO / [T]ONCOBR / [I] CENSIVM / [FL]AVIUS / V(otum). S(olvit). A(nonimo). L(ibens). M(erito) (obra que se encontra no Museu Martins Sarmento, em Guimarães) poderia traduzir-se por: a cidade Tongobriga Flávia cumpriu de boa vontade um voto a uma divindade anónima.

Como acontece frequentemente, a população local “batizou” os vestígios arqueológicos que se encontravam a descoberto muito antes da intervenção do arqueólogo. Assim, o local que se pensava ser a “capela dos mouros” começou a ser escavado em 1980, pondo a descoberto uma estrutura castrejo-romana criada durante o *imperium* de Augusto. Uma pesquisa continuada veio a revelar diversas fases de ocupação.

Em 1986, a estação arqueológica de Tongobriga, que abrange um território de cerca de 50 ha, foi declarada Monumento Nacional e colocada sob a gestão do IPPAR (Instituto Português do Património Arquitectónico).

Para além da exploração estratigráfica do terreno e da preservação e restauro das ruínas, o sítio arqueológico de Tongobriga aglutina as funções de Escola Profissional de Arqueologia e prevê, para 2007, a inauguração de um Centro Interpretativo.



Escola Profissional de Arqueologia

C – Visita às ruínas/Pistas para exploração com os alunos

Como já foi estudado, a padronização urbana do mundo romano desempenhava um duplo papel: por um lado, facilitava a administração do Império e, por outro, reforçava a assimilação da cultura romana pelos povos conquistados. Deste modo, podemos visitar, em Tongobriga, vestígios arqueológicos cujas características gerais se repetem pelo vastíssimo espaço do Império, com maior ou menor monumentalidade.

1 As termas

No tempo do imperador Augusto foi construído um balneário, esculpido no afloramento granítico (a que o povo chamou a “pedra formosa”). No espaço adjacente foram construídas as termas romanas segundo o modelo em voga, também presente nas ruínas de Conímbriga. No local, podemos identificar:

- a) o *apodyterium* (vestiário);
- b) o *frigidarium* (como o nome indica, o espaço próprio para os banhos de água fria);
- c) o *tepidarium* (para banhos tépidos);
- d) o *caldarium* (zona para os banhos quentes e sauna);
- e) o *unctorium* (sítio reservado às massagens);
- f) a *palaestra* (jardim exterior);
- g) a *natatio* (piscina ao ar livre).



Caldarium e tepidarium das termas públicas, final do século I d. C.

Na *História da Vida Privada*, Paul Veyne descreve da seguinte forma o gosto dos Romanos pelos banhos públicos:

Além dos fervores e das delícias do calendário religioso, havia outros prazeres que nada tinham de sagrado e que só na cidade se podiam encontrar [...]. Estes prazeres eram os banhos públicos e os espetáculos (teatro, corridas de carros no Circo, combates de gladiadores ou de caçadores de feras na arena do anfiteatro ou nas zonas gregas do teatro). Banhos e espetáculos eram pagos, pelo menos em Roma [...] mas o preço de entrada mantinha-se módico. [...] Homens livres, escravos, mulheres, crianças, toda a gente tinha acesso aos espetáculos e aos banhos, incluindo os estrangeiros. [...]

O banho não era uma prática de higiene, mas um prazer complexo, tal como entre nós a vida de praia. Por isso os pensadores e os cristãos se negarão a este prazer. [...] Não há casa de rico (domus) onde um banho não ocupe várias salas especialmente arranjadas, com uma instalação de aquecimento no subsolo; não há cidade sem ao menos um banho público [...] O gongo (discus) que diariamente anunciava a abertura dos banhos públicos era, segundo Cícero, mais doce de ouvir do que a voz dos filósofos na escola. [...] Nesta vida de praia estival artificial o maior prazer continuava a ser o facto de se estar no meio da multidão, de gritar, encontrar pessoas, escutar conversas, tropeçar em casos curiosos que seriam objeto de anedotas e fazer ostentação de si próprio.

em *História da Vida Privada*, vol. I, Edições Afrontamento

2 O fórum

O fórum de Tongobriga ocupa uma área assinalável de mais de 9000 m², o que pode denunciar a vontade de afirmação desta povoação no século II, entre a miríade de cidades que ligavam todo o Império.

Construído no tempo do imperador Trajano, o fórum era composto por uma praça ladeada por lojas (no seu lado sul), por uma rua com sete metros de largura (no lado norte), por um templo (no lado poente) e por uma escadaria (no lado nascente). As lojas eram protegidas por um telhado de duas águas assente sobre uma colunata. Desta restam, apenas, as sapatas dos alicerces.



Fórum, alicerces talhados no afloramento granítico

3 A necrópole

De acordo com os preceitos religiosos romanos, os corpos dos cadáveres eram incinerados, sendo as cinzas depositadas numa pequena urna (geralmente, um pote de cerâmica) e, em seguida, inumadas, juntamente com objetos de uso pessoal como moedas, peças cerâmicas e adornos. Podemos observar atualmente, algumas dessas peças cerâmicas em vários museus nacionais, como o Museu Martins Sarmento (Guimarães) e o Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa).



NTBIA10CP © Porto Editora

Necrópole: sepultura escavada no granito com espólio

4 De aldeia a urbe romana

Na cidade de Tongobriga viviam cerca de 3000 pessoas. Como era usual nas cidades romanas com alguma preponderância, o espaço habitacional era dotado de sistemas de esgotos e de drenagem das águas das chuvas. Nesta aldeia, tornada *civitas* no século II, o conceito de romanização materializa-se: podemos observar como as casas de planta circular do século I, das quais restam os alicerces, foram desmontadas para se construírem casas de traçado romano, enquanto as ruas adjacentes passaram a obedecer a uma planta ortogonal. Uma curiosidade sobre a prática da arqueologia: uma das técnicas de auxílio à escavação (a qual é, por essência, morosa) consiste na fotografia aérea, que permite detetar, pelas marcas da intervenção humana no terreno, a área a explorar.



Ruína de casa romana, século II d. C.

5 A basílica paleocristã

No final do Império Romano, no século V, Tongobriga torna-se sede de uma das primeiras paróquias cristãs da diocese do Porto, o que propicia a construção de uma basílica. O seu pavimento era revestido a mosaico de um tipo original para a época, feito de tesselas (peças de mosaico) policromas. De novo, a História faz-se, não só de mutações, mas também de permanências: o topónimo Tongobriga foi abandonado na documentação medieval a favor da designação Freixo; contudo, o espaço religioso foi apropriado ao longo dos séculos e, sobre a basílica da paróquia sueva seria erguida, mais tarde, a igreja paroquial de Santa Maria do Freixo. As pedras utilizadas nas construções romanas foram sendo reaproveitadas nas casas e muros cristãos.

EM CONCLUSÃO: Tongobriga era uma cidade romana de média dimensão dotada de elementos urbanos capazes de atrair e fixar população.

SUGESTÃO DE TRABALHO: Recolha de informação sobre os cursos ministrados na Escola Profissional de Arqueologia: Assistente de Arqueologia, Técnico/a de Património Cultural e Assistente de Conservação.

INFORMAÇÕES ÚTEIS:

Área Arqueológica do Freixo
Rua António Correia de Vasconcelos, 51
Freixo – 4630-095 Freixo MCN
Telef.: 255 53 10 90 · Fax: 255 52 10 47
E-mail: tongobriga@sapo.pt
tongobriga@hotmail.com

Sítios da Internet
1) www.tongobriga.com.sapo.pt
2) www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/69712
3) www.geira.pt/tongobriga

5

Módulo 2

Dinamismo civilizacional da Europa Ocidental nos séculos XIII a XIV – Espaços, poderes e vivências

5.1 Planificação a médio prazo

5.2 Plano-tipo de aula (90 minutos)

5.3 Guião para uma visita de estudo a Silves

5.1 Planificação a médio prazo

32 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 2 (pp)	Saberes/Aprendizagens
1. A identidade civilizacional da Europa Ocidental	10-47	- Referir, em termos genéricos, os elementos de unidade e de diversidade na Europa do século XIII. - Distinguir, como unidades políticas, reinos, senhorios e comunas. - Reconhecer, no Sacro Império Romano-Germânico, a persistência da ideia de um Império romano e cristão. - Mostrar o papel desempenhado pela religião na coesão interna do mundo ocidental. - Distinguir, em termos religiosos, culturais e geográficos, os outros mundos: Bizâncio e o Islão. - Indicar os fatores que contribuíram para a prosperidade europeia dos séculos XI a XIII. - Explicar o surto urbano. - Enquadrar as relações cidade-campo no renascimento de uma economia de mercado. - Descrever a configuração da cidade medieval. - Localizar os polos mais dinâmicos da economia europeia. - Traçar um quadro genérico das principais rotas e produtos. - Explicar o desenvolvimento das novas práticas financeiras. - Evidenciar a fragilidade do equilíbrio demográfico. - Dominar conceitos: reino*; senhorio*; comuna; papado*; Igreja ortodoxa grega; Islão; burguesia; economia monetária.
1.1. Poderes e crenças – multiplicidade e unidade	12-25	
1.1.1. A multiplicidade de poderes - Os senhorios - Ducados e condados - Os reinos - O Império - As comunas - A imprecisão das fronteiras		
1.1.2. A unidade da crença - O poder do bispo de Roma - A cristandade ocidental face a Bizâncio - A cristandade ocidental face ao Islão		
1.2. O quadro económico e demográfico – expansão e limites do crescimento	26-47	
1.2.1. A expansão agrária e o crescimento demográfico O crescimento demográfico		
1.2.2. O renascimento das cidades e a dinamização das trocas - O surto urbano - A dinamização das trocas locais e regionais		
1.2.3. As grandes rotas do comércio externo - A Flandres - O comércio da Hansa - As cidades italianas e o domínio do comércio mediterrânico - As feiras da Champagne - As novas práticas comerciais e financeiras		
1.2.4. A fragilidade do equilíbrio demográfico - A quebra demográfica do século XIV - A fome - A grande peste - A guerra		

* Conceitos estruturantes

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 1. ■ Análise da documentação e exploração dos <i>Dossiês</i>: “Lutar pela Guerra Santa” (pp. 24 e 25) “A cidade centro de consumo” (pp. 32 e 33) “Os anos da Peste Negra” (pp. 44 e 45) ■ Aprender a analisar um gráfico de acordo com a metodologia proposta na rubrica “Analisar Documentos/Fontes” do Caderno do Aluno (pp. 70-72). ■ Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – elaboração de um trabalho de pesquisa sobre a localidade/área geográfica em que se insere a escola, na Idade Média; – recolha de informação sobre o Vaticano e o papado na atualidade; – pesquisa de informação sobre as moedas portuguesas no século XIII, realçando a importância da numismática para o estudo da História.	5 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas nas rubricas: – Dossiê (Manual) – Analisar documentos /Fontes (Caderno do Aluno) ■ Realização das fichas números 7 e 8 do Caderno do Aluno 1 A partir do Programa Oficial

32 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 2 (pp)	Saberes/Aprendizagens
2. O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico		
2.1. A fixação do território*	48-99	- Situar a definição do espaço português no contexto da Reconquista. - Mostrar os avanços da Reconquista e o seu termo. - Explicar as condições do estabelecimento definitivo das fronteiras de Portugal.
2.1.1. A Reconquista	50-55	- Explicar o processo de formação do país senhorial. - Caracterizar o poder senhorial dos nobres e eclesiásticos. - Descrever a exploração económica do senhorio. - Reconhecer o senhorio como quadro organizador da vida económica e social no mundo rural tradicional.*
2.1.2. Do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento de fronteiras		- Caracterizar as formas de dominação exercidas sobre as comunidades campesinas*. - Compreender a especificidade da sociedade portuguesa concelhia, distinguindo a diversidade de estatutos dos seus membros e as modalidades de relacionamento com o poder régio e os poderes senhoriais*.
2.2. O país rural e senhorial*	70-83	- Relacionar os diferentes espaços urbanísticos da cidade medieval portuguesa com as vivências e poderes da sociedade da época. - Mostrar como se concretizou a autonomia político-administrativa das cidades e vilas concelhias. - Interpretar a afirmação do poder régio em Portugal como elemento estruturante da coesão do país concelhio e do país senhorial e promotor de missões de prestígio e de autonomia do reino no contexto da Cristandade ibérica*.
2.2.1. Os senhorios: sua origem, detentores e localização		- Analisar o funcionamento da monarquia feudal. - Identificar exemplos da passagem da monarquia feudal à monarquia centralizada. - Evidenciar a intervenção do rei na administração local. - Discriminar as medidas régias de combate à expansão senhorial. - Exemplificar a afirmação de Portugal no quadro político ibérico. - Dominar conceitos: reconquista*; concelho*; carta de foral; mesteiral; imunidade*; vassalagem*; monarquia feudal*; cúria; cortes/parlamentos*; inquirições; legista.
2.2.2. O exercício do poder senhorial: privilégios e imunidades		
2.2.3. A exploração económica do senhorio		
2.2.4. A situação social e económica das comunidades rurais dependentes		
2.3. O país urbano e concelhio*	84-97	
2.3.1. A multiplicação de vilas e cidades concelhias		
2.3.2. A organização do espaço citadino		
- O espaço amuralhado - As minorias étnico-religiosas - O arrabalde - O termo		
2.3.3. O exercício comunitário de poderes concelhios; a afirmação política das elites urbanas		
2.4. O poder régio, fator estruturante da coesão interna do reino*		
2.4.1. Da monarquia feudal à centralização do poder		
A centralização do poder: defesa, justiça, legislação e fiscalidade		
2.4.2. A reestruturação da administração central		
- O funcionalismo - A Cúria Régia - O Conselho Régio e as Cortes		
2.4.3. A reestruturação da administração local		
2.4.4. O combate à expansão senhorial e a promoção política das elites urbanas		
2.4.5. A afirmação de Portugal no quadro político ibérico		
* Conteúdos de aprofundamento		* Conceitos e aprendizagens estruturantes

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 2. ■ Aplicação do plano de aula sobre “Os senhorios: constituição e exploração económica. O poder senhorial” (Caderno do Professor, pp. 44 e 45). ■ Exploração do <i>PowerPoint</i> – Guimarães, uma vila concelhia no Portugal medievo ■ Análise da documentação e exploração dos <i>Dossiês</i>: “A nobreza medieval portuguesa” (pp. 64 a 69); “Porto e Lisboa: espaços e poderes no urbanismo medieval” (pp. 80 a 83); “O rei e as irmãs: um conflito familiar e político no século XIII” (pp. 96-97) ■ Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – elaboração de pequenas biografias sobre os reis de Portugal da 1.ª dinastia; – visita de estudo a Silves de acordo com a proposta de Guião apresentado no Caderno do Professor (pp. 46-50) – audição de música composta na Idade Média; – levantamento dos vestígios medievais no concelho de implantação da escola (recorrendo, se possível, ao auxílio dos serviços de arqueologia camarários); – compilação integral e análise de alguns documentos marcantes para a História de Portugal (nomeadamente, a Bula <i>Manifestis Probatum</i>, o Tratado de Alcanises), realçando a importância da Paleografia para a interpretação histórica; – análise do funcionamento dos órgãos de poder local na atualidade; – análise de uma carta de foral (de preferência, respeitante à área de implantação da escola).	18 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas na rubrica: – Dossiê (Manual); ■ Realização das fichas números 9, 10 e 11 do Caderno do Aluno 1 A partir do Programa Oficial

32 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 2 (pp)	Saberes/Aprendizagens
3. Valores, vivências e quotidiano 3.1. A experiência urbana 3.1.1. Uma nova sensibilidade artística: – Gótico – A catedral, expoente do Gótico – Os elementos construtivos – O “livro de imagens” da Crisandade 3.1.2. As mutações na expressão da religiosidade: ordens mendicantes e confrarias – O papel das ordens mendicantes – As confrarias 3.1.3. A expansão do ensino elementar; a fundação de universidades – As primeiras escolas urbanas – As universidades – A primeira universidade portuguesa 3.2. A cultura leiga e profana nas cortes régias e senhoriais 3.2.1. O ideal de cavalaria – A educação cavaleiresca 3.2.2. O amor cortês 3.2.3. O culto da memória dos antepassados 3.3. A difusão do gosto e da prática das viagens 3.3.1. Viagens de negócios e missões político-diplomáticas 3.3.2. Romarias e peregrinações	100-142 102-122 123-131 132-140	■ Desenvolver a sensibilidade estética através da identificação e apreciação de obras artísticas do período medieval. ■ Reconhecer os elementos característicos do estilo gótico. ■ Ligar o estilo gótico à afirmação do mundo urbano. ■ Justificar o nascimento, nas cidades, de novas formas de solidariedade. ■ Sublinhar o papel das ordens mendicantes na renovação da religiosidade cristã. ■ Compreender as atitudes e os quadros mentais que enformam a sociedade da época, distinguindo cultura popular de cultura erudita*. ■ Enquadrar a expansão do ensino nas transformações económicas e políticas dos últimos séculos da Idade Média. ■ Sublinhar o papel desempenhado pelas universidades na renovação cultural da Europa. ■ Caracterizar o ideal cavaleiresco. ■ Descrever a educação do jovem cavaleiro. ■ Relacionar o código da cavalaria com as regras do amor cortês. ■ Sublinhar a importância assumida pela literatura na difusão das novas formas de sociabilidade. ■ Justificar o culto prestado pela nobreza aos seus antepassados. ■ Explicar o renascimento do gosto e da prática das viagens. ■ Reconhecer nas romarias e peregrinações uma forma típica da religiosidade medieval. ■ Distinguir as expressões da cultura erudita das da cultura popular. ■ Identificar a época medieval. ■ Dominar conceitos: confraria; corporação; universidade; cultura erudita*; cultura popular*; arte gótica; época medieval. * Conceitos e aprendizagens estruturantes

NTEHA/DCP © Porto Editora

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 3. ■ Apresentação e exploração do <i>PowerPoint</i> – O Gótico: expressão da fé e da cidade ■ Análise da documentação e exploração dos <i>Dossiês</i>: “O Mosteiro de Santa Maria da Vitória, joia do gótico europeu” (pp. 110 a 113); “Damas e cavaleiros” (pp. 128 e 129) “Horas de pausa: outros lazeres” (pp. 138 e 140) ■ Resolução da situação-problema: “Avaliar as limitações do conhecimento histórico” do Caderno do Aluno (pp. 86-87). ■ Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – análise, por grupos, das características de algumas igrejas góticas europeias; – pesquisa sobre os preceitos técnicos necessários à elaboração de um vitral; – identificação de formas actuais de solidariedade cidadina; – recolha de informação com vista a um estudo comparativo entre a primeira universidade portuguesa e a universidade mais próxima da área da escola; – realização, com o auxílio da disciplina de Língua Portuguesa, de um recital de poesia trovadoresca; – elaboração de um pequeno trabalho de pesquisa sobre romarias ou peregrinações na área próxima da escola.	5 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas nas rubricas: – Dossiê (Manual) – Resolução de situações-problema (Caderno do Aluno) ■ Realização das fichas números 12 e 13 do Caderno do Aluno. 1 A partir do Programa Oficial

5.2 Plano-tipo de aula

Módulo 2

Unidade 2 O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico

Subunidade 2.2. O país rural e senhorial

Assunto/Sumário Os senhorios: constituição e exploração económica. O poder senhorial

Desenvolvimento dos conteúdos (Linha conceptual)	Saberes/Aprendizagens	Metodologia
Entre os séculos XI a XIII, à medida que as fronteiras do território se definiram, estruturou-se também a organização administrativa, económica e social do reino, constituída por senhorios e concelhos. Os senhorios (reguengos, honras ou coutos) tiveram como berço a região de Entre Douro e Minho. Concedidos pelos reis, nobres e clérigos como recompensa pelo apoio militar e administrativo, estes senhorios expandiram-se para o Centro e Sul do país, acompanhando a trajetória da Reconquista. Os domínios senhoriais compreendiam uma reserva (quintã ou granja) e os mansos (casais ou vilares). Constituindo o património fundiário dos senhores laicos e eclesiásticos, conferiam-lhes não só poder económico como também poderes políticos sobre os homens que neles habitavam.	■ Reconhecer o senhorio como quadro organizador da vida económica e social no mundo rural tradicional.* ■ Explicar o processo de formação do país senhorial. ■ Caracterizar o poder senhorial dos nobres e eclesiásticos. ■ Descrever a exploração económica do senhorio. ■ Aplicar os conceitos de vassalagem* e imunidade*. * Aprendizagens/Conceitos estruturantes	O professor deverá privilegiar um tipo de aula que favoreça a construção dos saberes/aprendizagens pelos alunos, partindo das técnicas de: ■ diálogo orientado que estimule o raciocínio; ■ exposição clara e ordenada; ■ resolução de questões, individualmente ou em grupo (de pares ou mais alargado).

Duração: 90 minutos

Situações de aprendizagem/Recursos

1 Motivação:

- Partindo de uma breve conversa sobre especificidades do Norte e do Sul de Portugal na atualidade, procurar-se-á saber as razões históricas desse facto através da visualização (a análise será feita no desenvolvimento, com a exploração) do documento 7 A, B e C (p. 56)
- Solicitar aos alunos que identifiquem as formas de organização do território português no período pós-reconquista (século XIII).

2 Questões orientadoras:

- Onde se localizavam os territórios (senhorios) da nobreza e do clero?
- Como se constituíram os senhorios no território português?
- Que poderes e direitos possuíam os detentores dos senhorios?
- Como era feita a exploração do domínio senhorial?

3 Desenvolvimento:

- **Exploração do documento 7A, B e C, p. 56:** Entre os séculos XI e XIII, o território português estruturou-se, económica e socialmente, em senhorios e concelhos. Os senhorios eram áreas territoriais de extensão diversa pertencentes ao rei (reguengos), à nobreza (honras) e ao clero (coutos). Os senhorios nobres, simbolizados por uma torre ou casa acastelada, predominavam no Norte Atlântico, enquanto os senhorios eclesiásticos, simbolizados pela sé episcopal ou pelo mosteiro, apesar de numerosos no Norte, ganharam maior dimensão no Centro e Sul do país.
- **Exploração do documento 8A, B e C p. 57:** Por direito de presúria (ocupação dos territórios conquistados aos mouros), a maioria dos senhorios pertencia ao rei. Contudo, como forma de recompensar o auxílio militar e os serviços de administração do território prestados durante a Reconquista (Doc. 8A), os reis fizeram generosas doações territoriais a nobres (Doc. 8B) e clérigos. Desta forma, à semelhança da Europa além-Pirenéus, os monarcas peninsulares assemelharam-se a suseranos, criando um séquito de vassallos que lhe deviam fidelidade, auxílio militar e conselho (Doc. 8C).
- **Exploração dos documentos 9 A, B, C e D, pp. 58 e 59:** Como forma de recompensar os clérigos pela proteção espiritual da monarquia, pela conversão dos mouros e pelo apoio prestado na administração e conquista dos territórios, os reis concederam territórios a bispos (Doc. 9A e B), ordens monacais (Doc. 9D) e ordens religioso-militares, através de cartas de couto. Os territórios eram concedidos aos nobres e clérigos, frequentemente, a título hereditário (Doc. 8B “direito hereditário em perpétuo”; doc. 9B “a ti e teus sucessores” doc. 9D “perpetuamente”) e gozavam de imunidade (Doc. 9B “sejam coutadas”; Doc. 9D, “livre toda a ação real”), isto é, os funcionários do rei não podiam neles exercer as funções públicas. Estas funções cabiam aos senhores que detinham plenos poderes económicos, judiciais e militares (Doc. 8B “façais dele o que quiserdes”; Doc. 9B “direito de cunhar moeda”): cobravam impostos, aplicavam a justiça e recrutavam homens para o exército.
- **Exploração dos documentos 9E, 10 e 11, pp. 59 e 60:** Os senhorios eclesiásticos tiveram um papel fundamental no desenvolvimento do reino: pelo arroteamento e exploração de novas terras, fomentaram o povoamento e o desenvolvimento agrícola; pela produção de manuscritos e através das suas bibliotecas e escolas, contribuíram para o progresso cultural do reino.
- **Exploração do documento 12, p. 61:** Os domínios senhoriais eram constituídos pela reserva (quintã ou paço, nos senhorios nobres, granja, nos senhorios eclesiásticos) e pelos casais ou vilares (mansos). Na quintã, sob a administração direta dos senhores, localizavam-se a morada do senhor, a igreja, o lagar, o moinho, o bosque e algumas terras exploradas por escravos, servos e colonos livres dos casais que, obrigatoriamente, aí prestavam serviços gratuitos – jeiras. (Nos senhorios eclesiásticos, as granjas eram exploradas diretamente pelos clérigos.) A maioria das propriedades do domínio era composta por casais, parcelas de terra alugadas a colonos (camponeses livres), através de um contrato de arrendamento que estipulava o prazo de arrendamento, as rendas e as obrigações dos caseiros.

4 Síntese:

- Síntese oral ou escrita com as ideias fundamentais.
- Síntese esquemática, construída ao longo, ou no final da aula.

5 Avaliação:

- Observação direta focada na qualidade das intervenções e respostas dos alunos às questões levantadas pelos documentos e pelo professor.
- Resolução, em TPC, das questões propostas na página 61.

5.3 Guião para uma visita de estudo a Silves

A – Breve notícia histórica

Os reis da Idade Média, em Portugal, poderiam ter-se intitulado, como refere a historiadora Maria José Pimenta Ferro, “reis das três religiões” (cristã, judaica, muçulmana). Apesar de cada uma possuir os seus espaços de implementação próprios – em virtude das políticas de segregação pelo poder cristão –, os diferentes mundos religiosos e culturais foram-se mesclando.

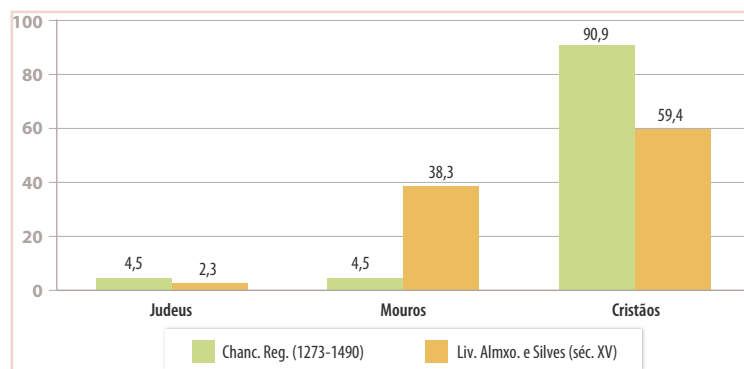
A ocupação cristã do Algarve constituiu um desafio assinalável para os reis de Portugal: depois de uma conquista temporária por D. Sancho I, em 1189, Silves, juntamente com Faro e Albufeira, encerram, em 1249, o movimento da Reconquista portuguesa. Apesar da resistência do Reino de Leão e Castela, cujo rei Afonso X havia acordado com o rei mouro a apropriação do reino algarvio, o rei D. Afonso III conseguiu garantir a soberania portuguesa sobre o território do Algarve. O Tratado de Badajoz, de 1267, estipula a concessão dos direitos sobre o Algarve a D. Dinis (que contava, então, apenas 6 anos).

Ficaria para a História a marca indelével da presença muçulmana no vocábulo da província portuguesa (Al-Gharb, “o ocidente” de Al-Andaluz) e nas marcas de urbanidade que constituem um espaço de pesquisa privilegiado para esse encontro com uma transculturalidade primeva.



NTEHAIUCP © Porto Editora

D. Sancho I



Percentagem da frequência das etnias na documentação

No seu poema *Dona Branca*, Almeida Garrett descreve assim Aben-Afan, o último rei mouro de Silves:

[...]
*Quem é este inimigo generoso,
 Que alma tão nobre em peito infiel encerra?
 Quem é este guerreiro muçulmano,
 Que tão gentil, tão majestoso brilha
 Nas picturescas árabes alfaias
 Que o talhe heróico, o altivo porte, a graça,
 Esbelta, de marcial beleza arreiam?*
 [...]

Relembremos, também, as passagens de *Os Lusíadas* em que Luís Vaz de Camões descreve a conquista de Silves: (*Canto III*, estrofes 86-88)

[...]
*Despois que foi por Rei alevantado,
 Havendo poucos anos que reinava,
 A cidade de Silves tem cercado,
 Cujos campos o Bárbaro lavrava.
 Foi das valentes gentes ajudado
 Da Germânica armada que passava,
 De armas fortes e gente apercebida,
 A recobrar Judeia já perdida.*

*Passavam a ajudar na santa empresa
 O roxo Federico, que moveu
 O poderoso exército, em defesa
 Da cidade onde Cristo padeceu,
 Quando Guido, co'a gente em sede acesa,
 Ao grande Saladino se rendeu,
 No lugar onde aos Mouros sobejavam
 As águas que os de Guido desejavam.*

*Mas a fermosa armada, que viera
 Por contraste de vento àquela parte,
 Sancho quis ajudar na guerra fera,
 Já que em serviço vai do santo Marte.
 Assi como a seu pai acontecera
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte
 Do Germano ajudado, Silves toma
 E o bravo morador destrui e doma.*
 [...]

E no *Canto VIII*, estrofe 26:

[...]
*Vês, com bélica astúcia ao Mouro ganha
 Silves, que ele ganhou com força ingente:
 É Dom Paio Correia, cuja manha
 E grande esforço faz enveja à gente.
 Mas não passes os três que em França e Espanha
 Se fazem conhecer perpetuamente
 Em desafios, justas e torneus,
 Nelas deixando públicos troféus.*
 [...]

A visita a Silves integra-se, curricularmente, no estudo da unidade 2 do Módulo 2 (O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico), rubrica a aprofundar de acordo com as indicações do *Programa Oficial de História A* de 10.º ano. O/a professor(a) deve orientar os alunos para:

- a sensibilização para o património histórico/arqueológico medieval;
- o desenvolvimento do espírito crítico e da tolerância face a diferentes modelos civilizacionais;
- a compreensão da simultaneidade de culturas e das permutas culturais;
- a integração dos dados da História local no panorama das características gerais da Idade Média portuguesa;
- a recolha e tratamento de informação sobre a cidade de Silves na Idade Média, destacando a especificidade dos seus espaços urbanos;
- a integração dos vestígios da urbanidade medieval de Silves na formação de um país concelhio (por contraposição com o país senhorial).

B – A visita

SUGESTÃO: Ouvir as célebres cantigas de *Santa Maria* da autoria do rei Afonso X, cognominado o *Sábio*.

Podemos encontrar em Silves os elementos característicos da cidade medieval:

1 A cintura de muralhas

As investidas almóadas, oriundas de Marrocos, podem situar-se, cronologicamente, em 1150 e, com maior intensidade, em 1190, perdendo o seu vigor após 1212, reinava D. Afonso II. Foi durante o período almóada que se construíram as muralhas de Silves, de que restam troços significativos. Com os seus muros elevados, dotados de ameias e torres, envolviam toda a zona da alcáçova e da almedina num traçado irregular de mais de 1 km de extensão que se estende pelas ruas Nova da Boavista, Gregório Nunes Mascarenhas, por detrás da Rua da Porta da Azoia e continuam pela Rua Pintor Bernardo Marques, Largo do Município, Portas de Loulé e Escadas do Mirante. As muralhas, verdadeiro monumento militar islâmico, foram reforçadas no século XIII.

2 As igrejas

Como foi estudado, um dos fatores de protagonismo de um povoado na Idade Média era a sua função eclesiástica. Ora, Silves foi sede de bispado, o que lhe valeu a correspondente capacidade de autoadministração. Logo após a primeira conquista de Silves, em 1189, D. Sancho I instalou no reino do Algarve o bispo D. Nicolau. Porém, devido à reconquista muçulmana, só no século XIII Silves receberia, de novo, os prelados cristãos, nomeadamente D. Álvaro Pais, cujas ligações à nência da cidade de Silves.

Sinal da importância da presença eclesástica, a cidade perdeu grande parte da sua capacidade de atração quando o bispo deixou Silves, devido à transferência do bispado para Faro, em 1577.

2a Sé de Silves

A visita à sé constitui uma excelente oportunidade para relembra as características do estilo gótico (3.1.1. Uma nova sensibilidade artística: o Gótico). A planta, em cruz latina, é composta por três naves, transepto e abside. Embora não pretenda rivalizar nas dimensões com as grandes catedrais da Idade Média (o monumento mede na sua totalidade 25 m de comprimento e 16 m de largura), a sé de Silves constitui um belo exemplar da arquitetura religiosa urbana.



Planta de Silves, segundo Maria de Fátima Botão, in *Atlas de cidades medievais portuguesas*, p. 91

A entrada principal, de pórtico ogival ladeado por duas torres, está, hoje em dia, fora de uso, acedendo-se ao interior da sé pela Porta do Sol (de estilo barroco). Aproveitemos para observar o túmulo de D. João II, falecido em Alvor, em 1495.



Sé de Silves

3 O pelourinho

Passando pela Praça do Município pode observar-se o pelourinho após a reconstrução levada a cabo pela Câmara Municipal (pois havia sido desmantelado no século XIX). A coroa é decorada com elementos em forma de flor de lis. Relembre-se que o pelourinho constituía a marca da autonomia judicial.

4 O Arco da Rebola

Persiste a dúvida histórica sobre as origens deste arco feito de grés de Silves: referido em Atas de Vereação apenas no século XIX, integra-se numa parte da cidade onde se pensa que estaria a porta da mouraria, segundo informações do *Livro do Almoxarifado* de Silves.

SUGESTÃO: Evocar a importância de algumas fontes escritas da época medieval: os *Livros do Almoxarifado*, o *Rol dos Besteiros*, os *Livros de Posturas Municipais*.

5 O castelo

As muralhas ocupam cerca de 12 mil metros de perímetro, abrigando o monumento composto por torres adossadas à fortaleza ou ligadas a esta por um arco (torres de tipo albarrã). Penetrando no seu interior, vale a pena atentar nas cisternas (denominadas por “Aljibe”, a da zona norte, e “Cisterna dos cães”, a sul), essenciais para guardar água potável em momentos de confronto militar. Os alimentos eram preservados em silos, no centro da alcáçova (zona de habitação nobre nas cidades de cariz muçulmano). Uma das estruturas de habitação posta a descoberto através de pesquisa arqueológica evidencia o grau de desenvolvimento do período almóada, pelo jardim interior e sistema de banhos.



Castelo de Silves

NTEHAN00P © Porto Editora

6 O poço/cisterna

Constitui uma peça imperdível da presença almóada. Como frequentemente acontece com os vestígios arqueológicos, foi posto a descoberto por um acaso nos anos 80 do século XX, quando a Câmara Municipal de Silves construía a cantina municipal. Felizmente, a descoberta motivou medidas de preservação deste e de outros achados que acabariam por resultar na inauguração do Museu de Arqueologia de Silves, em 1990. Este reservatório de água é uma construção circular, de cerca de 4 m de diâmetro e 18 m de profundidade, com uma escadaria em caracol de acesso de 2 m; localiza-se na Rua das Portas de Loulé, perto da porta da Almedina e adossada à muralha da mesma, cujo troço se pode observar através de uma cortina de vidro. O poço-cisterna terá sido utilizado até ao século XVI.

Aproveite-se, no museu, para obter uma panorâmica geral da pré-história e história antiga de Silves, desde a ocupação paleolítica.

Ao deixarmos a cidade de Silves, relembramos as palavras do poeta luso-árabe Ibn’Ammar, no século XI:

*Como falar de ti, Silves,
Sem que uma lágrima me caia
Como a do enamorado enternecido [...]?*

6

Módulo 3

A abertura europeia ao Mundo: mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI

6.1 Planificação a médio prazo

6.2 Plano-tipo de aula (90 minutos)

6.3 Guião para uma visita de estudo ao Mosteiro
dos Jerónimos

6.1 Planificação a médio prazo

29 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 3 (pp)	Saberes/Aprendizagens
1. A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos 1.1. Principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações 1.1.1. As condições da expansão cultural 1.1.2. O Renascimento – eclosão e difusão – A Itália – O resto da Europa 1.2. O cosmopolitismo das cidades hispânicas – importância de Lisboa e Sevilha 1.2.1. Lisboa 1.2.2. Sevilha	10-23 12-15 16-22	NTEHA10CP © Porto Editora - Compreender a Modernidade como um fenómeno global que se manifesta nas ideias e nos comportamentos e encontra nos centros urbanos mais dinâmicos da Europa um espaço privilegiado de criação e de irradiação*. - Distinguir os principais centros culturais da Europa do Renascimento. - Reconhecer o papel inspirador da Itália. - Destacar a especificidade do contributo cultural ibérico para a síntese renascentista. - Interpretar o cosmopolitismo de Lisboa e Sevilha. - Dominar conceitos: Época Moderna; Renascimento*. * Conceitos e aprendizagens estruturantes

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Apresentação e exploração do <i>PowerPoint</i> “A abertura europeia ao mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI”, como forma de motivação e introdução aos conteúdos do módulo. ■ Análise da documentação relativa à unidade 1. ■ Análise da documentação e exploração do Dossiê: “A Lisboa de Quinhentos vista pelos coevos” (pp. 20 a 22) ■ Elaboração de um jornal de escola com notícias do ano de 1455 (aproveitando para debater o valor histórico de fontes documentais forjadas no passado). ■ Comparação entre as técnicas utilizadas numa oficina de imprensa do tempo de Gutenberg e a tecnologia utilizada para produzir uma edição de um jornal atual. ■ Realização de fichas de leitura a partir de excertos das obras emblemáticas dos principais humanistas europeus.	2 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas na rubrica: – Dossiê (Manual) ■ Realização da ficha número 14 do Caderno do Aluno 1 A partir do Programa Oficial

29 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 3 (pp)	Saberes/Aprendizagens
2. O alargamento do conhecimento do Mundo 2.1. O contributo português* 2.1.1. Inovação técnica – A náutica – A cartografia 2.1.2. Observação e descrição da Natureza 2.2. O conhecimento científico da Natureza* 2.2.1. A matematização do real 2.2.2. A revolução das concepções cosmológicas	24-39 26-31 32-38	■ Reconhecer o papel de vanguarda dos Portugueses na abertura europeia ao mundo, verificada nos séculos XV e XVI com a expansão marítima*. ■ Identificar o contributo português nos domínios da geografia física e humana, da botânica, da zoologia e da cosmografia. ■ Evidenciar o carácter descritivo e experiencialista dos novos saberes. ■ Relacionar os progressos da matematização e da mentalidade quantitativa com o aparecimento da ciência. ■ Reconhecer a revolução cosmológica copernicana como uma manifestação da ciência moderna. ■ Dominar conceitos: navegação astronómica; cartografia; mentalidade quantitativa; experiencialismo*; revolução copernicana*. * Conceitos e aprendizagens estruturantes

NTEHA10CP © Porto Editora

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 2. ■ Análise da documentação e exploração do Dossiê: “Leonardo da Vinci, um técnico e homem de ciência no Renascimento” (Manual, pp. 36 a 38) ■ Realização da atividade proposta na rubrica “Resolução de situações-problema”: Elaborar um painel cronológico sobre o contributo português para o conhecimento do mundo nos sécs. XV e XVI (Caderno do Aluno, pp. 89 a 94). ■ Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – comparação entre a cartografia medieval e a cartografia da época dos Descobrimentos, destacando aproximações e erros; – esclarecimento, com o auxílio da disciplina de Geografia, sobre o modo de funcionamento dos instrumentos náuticos utilizados nas viagens de descoberta; – elaboração de pequenas biografias sobre os portugueses (estudiosos e /ou navegadores) que contribuíram para os novos saberes da Época Moderna; – realização de um debate imaginando o encontro entre Ptolomeu e Copérnico.	4 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas nas rubricas: – Dossiê (Manual) – Resolução de situações-problema (Caderno do Aluno pp. 89 a 94) ■ Realização da ficha número 15 do Caderno do Aluno 1 A partir do Programa Oficial

29 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 3 (pp)	Saberes/Aprendizagens
3. A produção cultural 3.1. Distinção social e mecenato 3.1.1. A ostentação das elites cortesãs e burguesas 3.1.2. O estatuto de prestígio dos intelectuais e artistas 3.1.3. Portugal: o ambiente cultural da corte régia 3.2. Os caminhos abertos pelos humanistas 3.2.1. Valorização da Antiguidade Clássica 3.2.2. Afirmação das línguas nacionais e consciência da Modernidade 3.2.3. Individualismo, racionalidade, espírito crítico e utopia 3.3. A reinvenção das formas artísticas. Imitação e superação dos modelos da Antiguidade* 3.3.1. A pintura – A pintura a óleo – A terceira dimensão – A geometrização – A proporção – As representações naturalistas 3.3.2. A escultura 3.3.3. A arquitetura – Simplificação e racionalização da estrutura dos edifícios – A gramática decorativa greco-romana – Arquitetura civil e urbanismo – A racionalidade no urbanismo 3.3.4. A arte em Portugal: o gótico-manuelino e a afirmação das novas tendências renascentistas – O gótico-manuelino – A arquitetura renascentista – A escultura – A pintura	40-90 47-55 56-88	■ Mostrar como se fez sentir a ostentação das elites cortesãs e burguesas. ■ Relacionar o mecenato com o estatuto de prestígio dos intelectuais e artistas. ■ Explicar as características antropocêntricas do Humanismo. ■ Exemplificar a valorização de Antiguidade pelo Humanismo. ■ Relacionar o espírito crítico humanista com o exercício da crítica social e a produção de utopias. ■ Inferir as características clássicas e naturalistas da pintura e da escultura renascentistas. ■ Mostrar a superação do legado antigo na pintura renascentista. ■ Identificar as características da nova estrutura arquitetónica e da respetiva gramática decorativa. ■ Identificar no urbanismo, na arquitetura e na pintura a expressão de uma nova conceção de espaço, de carácter antropocêntrico*. ■ Relacionar o Manuelino com a persistência e renovação do Gótico. ■ Caracterizar a pintura e a escultura portuguesas do Renascimento. ■ Reconhecer o prestígio da Coroa portuguesa na Época Moderna. ■ Desenvolver a sensibilidade estética através da identificação de obras artísticas e literárias do período renascentista. ■ Dominar conceitos: civilidade; intelectual; humanista; antropocentrismo*, naturalismo, classicismo*, perspetiva; manuelino*. * Conceitos estruturantes

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 3. ■ Apresentação e exploração do <i>PowerPoint</i> – “A revolução artística renascentista”. ■ Análise da documentação e exploração dos Dossiês: “Ser mulher no tempo do Renascimento” (pp. 52 a 55) “A perspectiva na pintura italiana do Renascimento” (pp. 62 a 65) “Miguel Ângelo Buonarroti, um artista genial” (pp. 76 a 79) “Nuno Gonçalves e os <i>Painéis de São Vicente</i>” (pp. 86 a 88) ■ Aprender a analisar uma pintura através da metodologia apresentada na rubrica “Analisar Documentos/ Fontes” do <i>Caderno do Aluno</i> (pp. 75 a 78). ■ Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – identificação de formas de mecenato praticadas na atualidade; – elaboração de um arquivo de turma com obras de arte renascentistas, de maneira a estabelecer comparações com a iconografia grega e romana recolhida; – visita ao Mosteiro dos Jerónimos de acordo com o guião proposto no <i>Caderno do Professor</i>, pp. 64 a 70. ■ Visita virtual aos principais exemplares de arte renascentista europeia e audição de música da época.	10 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas nas rubricas: – Dossiê (Manual) – Análise de Documentos/ Fontes (<i>Caderno do Aluno</i>) ■ Realização das fichas números 16 e 17 do <i>Caderno do Aluno</i> 1 A partir do Programa Oficial

29 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 3 (pp)	Saberes/Aprendizagens
4. A renovação da espiritualidade e da religiosidade 4.1. A Reforma protestante* 4.1.1. Individualismo religioso e críticas à Igreja Católica – As práticas religiosas – As críticas à Igreja 4.1.2. A rutura teológica – A Questão das Indulgências – A justificação pela Fé e a doutrina da predestinação – Primazia da Palavra sobre o Rito; sacerdócio universal; desvalorização dos sacramentos; a relação do crente com Deus 4.1.3. As igrejas reformadas – A expansão do luteranismo – O calvinismo – A Reforma na Inglaterra: o anglicanismo 4.2. Contrarreforma e Reforma católica* 4.2.1. Reafirmação do dogma e do culto tradicional A reforma disciplinar – O Concílio de Trento 4.2.2. O combate ideológico – O Índice – A Inquisição – O proselitismo das novas congregações: a Companhia de Jesus 4.2.3. O impacto da Reforma católica na sociedade portuguesa – O Concílio de Trento e a Companhia de Jesus – A Inquisição e o Índice	92-123 94-109 110-121	■ Identificar manifestações de crise na Igreja nos fins da Idade Média/inícios dos tempos modernos. ■ Relacionar a Questão das Indulgências com o início da Reforma protestante. ■ Reconhecer a renovação teológica do luteranismo. ■ Comparar o calvinismo com o luteranismo. ■ Explicar o contexto histórico em que se processou a Reforma na Inglaterra. ■ Caracterizar o anglicanismo. ■ Exemplificar o clima da intolerância vivido nos séculos XVI-XVII. ■ Reconhecer a resposta da Igreja Católica como uma contrarreforma e uma reforma católica. ■ Indicar as conclusões do Concílio de Trento. ■ Avaliar a ação exercida pelo Índice e pela Inquisição. ■ Interpretar as reformas – protestante e católica – como um movimento de humanização e individualização das crenças e de rejuvenescimento do cristianismo, não obstante a violência das manifestações de antagonismo religioso durante a Época Moderna*. ■ Reconhecer o cristianismo como matriz de identidade dos Europeus e referente na apreciação qualitativa de outras culturas/civilizações. ■ Dominar conceitos: heresia; reforma*; dogma*; predestinação*; sacramento*; rito; concílio; seminário.
* Conteúdos de aprofundamento		* Conceitos e aprendizagens estruturantes

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 4. ■ Aplicação do plano de aula sobre a “Contrarreforma e Reforma católica”. Caderno do Professor, pp. 62 e 63 ■ Análise da documentação e exploração dos Dossiês: “A difícil convivência religiosa no século XVI: do antagonismo à tolerância” (pp. 106 a 109) “O processo de Damião de Góis na Inquisição” (pp. 120 e 121) ■ Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – elaboração de uma tabela comparativa entre as religiões católica, luterana, anglicana e calvinista; – levantamento, ao nível da escola, dos credos religiosos existentes; – identificação de formas de intolerância religiosa na atualidade; – comemoração da liberdade de expressão distribuindo entre a comunidade escolar, sob a forma de panfletos, algumas frases-chave provenientes de livros que, na Idade Moderna, constavam do Índex; – leitura encenada, com o auxílio da disciplina de Português, de uma peça de Gil Vicente.	6 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas na rubrica: – Dossiê (Manual) ■ Realização das fichas números 18 e 19 do Caderno do Aluno 1 A partir do Programa Oficial

29 aulas		
Conteúdos programáticos Segundo o Programa Oficial (março de 2001)	TH10A Parte 3 (pp)	Saberes/Aprendizagens
5. As novas representações da Humanidade 5.1. O encontro de culturas e as dificuldades de aceitação do princípio da unidade do género humano 5.1.1. A escravização. Os antecedentes da defesa dos Direitos Humanos — em defesa dos índios americanos 5.1.2. O esforço de enraizamento da presença branca: missão e miscigenação	124-140 126-140	■ Caracterizar a atitude dos ibéricos face aos novos povos que as descobertas marítimas lhes desvendaram. ■ Exemplificar o confronto de culturas verificado. ■ Descrever o tráfico negreiro. ■ Explicar a primeira manifestação de defesa dos Direitos Humanos, sucedida na América espanhola, a propósito da escravização dos índios. ■ Compreender o relativismo cultural decorrente dos contatos multicivilizacionais. ■ Analisar o processo de missão posto em prática por Portugueses e Espanhóis. ■ Justificar a miscigenação levada a cabo pela colonização ibérica. ■ Dominar conceitos: providencialismo; racismo; direitos humanos*; missão*; miscigenação. * Conceitos estruturantes

Situações de aprendizagem/Recursos	N.º de aulas* e Avaliação
■ Análise da documentação relativa à unidade 5. ■ Análise da documentação e exploração do Dossiê: “A escravização dos índios americanos” (pp. 132 a 135) ■ Sugerem-se ainda as seguintes situações de aprendizagem: – elaboração de uma barra cronológica onde se assinalem os principais momentos do passado colonial português, desde a fundação das colónias ou feitorias até à sua independência; – elaboração de um glossário toponímico, fazendo corresponder (quando possível) os locais descobertos nos séculos XV e XVI à sua atual designação; – visionamento e análise, com o auxílio da disciplina de Português, do filme de Manoel de Oliveira <i>Palavra e Utopia</i> sobre o Padre António Vieira; – identificação de formas de escravização praticadas na atualidade; – leitura e análise, com o auxílio da disciplina de Português, da Carta de Pero Vaz de Caminha.	3 aulas¹ (90 minutos) Formativa Desempenhos, atitudes e conhecimentos demonstrados na concretização das atividades, nomeadamente: ■ Resposta às questões dos documentos ■ Resolução das atividades propostas na rubrica: – Dossiê (Manual) ■ Realização das ficha número 20 do Caderno do Aluno 1 A partir do Programa Oficial

6.2 Plano-tipo de aula

Módulo 3

Unidade 4 A renovação da espiritualidade e da religiosidade

Subunidade 4.2. Contrarreforma e Reforma católica*

Assunto/Sumário A reação da Igreja Católica: a Contrarreforma e a Reforma católica. O impacto da Reforma católica na sociedade portuguesa

Desenvolvimento dos conteúdos (Linha conceptual)	Saberes/Aprendizagens	Metodologia
Para solucionar os problemas que a afetavam, a Igreja Católica empreendeu uma Reforma [católica] alicerçada nas decisões do Concílio de Trento. Condenando as doutrinas protestantes, reafirmou o dogma católico e o culto tradicional e corrigiu a disciplina do clero. Para reprimir e impedir o avanço do protestantismo e recuperar a sua hegemonia no mundo cristão, a Igreja Católica empreendeu, igualmente, uma Contrarreforma: reorganizou a Inquisição, instituiu o Índice e, através da Companhia de Jesus, alargou a sua área de influência espiritual.	■ Reconhecer a resposta da Igreja Católica como uma Contrarreforma e uma Reforma católica. ■ Indicar as conclusões do Concílio de Trento. ■ Avaliar a ação exercida pelo Índice e pela Inquisição. ■ Interpretar as reformas – protestante e católica – como um movimento de humanização e individualização das crenças e de rejuvenescimento do cristianismo, não obstante a violência das manifestações de antagonismo religioso durante a Época Moderna*. ■ Reconhecer o cristianismo como matriz de identidade dos Europeus e referente na apreciação qualitativa de outras culturas/ civilizações. ■ Aplicar os conceitos de: dogma*; sacramento*; rito; concílio; seminário. * Aprendizagens/Conceitos estruturantes	O professor deverá privilegiar um tipo de aula que favoreça a construção dos saberes/aprendizagens pelos alunos, partindo das técnicas de: ■ diálogo orientado que estimule o raciocínio; ■ exposição clara e ordenada; ■ resolução de questões, individualmente ou em grupo (de pares ou mais alargado).

NTEHAIOCP © Porto Editora

Situações de aprendizagem/Recursos

1 Motivação:

- Partindo de um breve diálogo sobre a diversidade de credos que coexistem nas sociedades atuais, solicitar aos alunos que comparem as formas de convivência (tolerância/ intolerância) religiosa no passado e nos dias de hoje.

2 Questões orientadoras:

- Como reagiu a Igreja Católica ao avanço do protestantismo e à sua perda de influência na Europa? (Poder-se-á rever o mapa, Doc. 12, pp. 101, sobre a Europa religiosa na segunda metade do século XVI)
- Que meios utilizou a Igreja Católica para impedir o avanço das doutrinas protestantes?
- Como procurou a Igreja Católica recuperar a sua influência no mundo?

3 Desenvolvimento:

A Reforma católica

- **Exploração dos documentos 20A, B e C, pp. 110 e 111 / resposta às questões 1 e 2, p.111:** Para refletir sobre os problemas da Igreja e responder à dissidência protestante, os mais altos dignitários eclesiásticos reuniram-se, entre 1545 e 1563, no Concílio de Trento (Doc. 20A). As conclusões do Concílio de Trento traduziram-se numa clara condenação do protestantismo: reafirmaram-se os dogmas católicos (Doc. 20B), a autoridade do Papa, o culto da Virgem e dos santos (Doc. 20C) e os ritos católicos.

Duração: 90 minutos

Situções de aprendizagem/Recursos

- **Exploração dos documentos 20D e 21A e B, pp. 111 e 112/ resposta às questões 3 e 4, p. 111:** No sentido de moralizar o clero, o Concílio de Trento impôs um conjunto de normas e procedimentos aos membros da Igreja (Doc. 20D): estabeleceu as idades de ordenação de sacerdotes e bispos; fiscalizou o comportamento do clero, obrigando-os a uma conduta mais austera; fundou seminários, sujeitando os futuros clérigos a uma obrigatória formação intelectual, religiosa e moral; fixou a residência dos párocos e bispos e a visita dos bispos às paróquias e dioceses; manteve e fiscalizou o celibato eclesiástico. As imposições disciplinares traduziram-se num aperfeiçoamento dos costumes eclesiásticos (Doc. 21). Para catequizar os fiéis, redigiu-se um catecismo e publicaram-se um breviário e um missal para orientar o culto e a oração dos crentes.

A contrarreforma

- **Exploração dos documentos 22, 23 e 24A e B, pp. 113 e 114 / resposta às questões, pp. 115 e 117 (1 a 3):** Para prevenir a propagação da heresia protestante, a Igreja Católica criou a Congregação do Índice. Esta vigiava a produção cultural, censurando e proibindo todas as publicações (religiosas, literárias, científicas) que pudessem pôr em causa os dogmas católicos. A lista de livros perigosos (Índice), e portanto proibidos, era atualizada periodicamente e, frequentemente, procedia-se à queima dos livros heréticos (Doc. 22). Criado no século XIII para reprimir as heresias medievais, o Tribunal da Inquisição foi reorganizado por bula papal em 1542 (Doc. 23). Por meio desta instituição, presidida pelo próprio Papa, “procuravam-se todos aqueles que se afastavam da Fé católica”. Na mira desta perseguição estavam os protestantes. Contudo, implantado em países católicos onde o número de protestantes era bastante reduzido, a ação repressiva da Inquisição acabaria por incidir sobre os cristãos-novos, intelectuais, homens de ciência e todos aqueles que eram suspeitos de práticas ou condutas desviantes da moral católica (bruxaria, blasfémia, sodomia, poligamia...). Após a publicação do edito de fé (Doc. 24A), iniciava-se o período de denúncias anónimas. Os acusados eram detidos e sujeitos a interrogatórios acompanhados, frequentemente, de torturas violentas (Doc. 24B) que os levavam a assumir-se como culpados. Confiscados os seus bens, os arrependidos eram condenados à prisão enquanto os impenitentes eram entregues à justiça civil que os sentenciava com a pena de morte na fogueira (Doc. 24A). Em 1540, no contexto da Contrarreforma, o Papa Paulo III legitimou a criação de uma nova ordem religiosa, a Companhia de Jesus (Doc. 25B), fundada por Inácio de Loyola. A “Regra” da Companhia de Jesus (Doc. 25A) impunha preceitos austeros e uma disciplina rigorosa aos seus membros (jesuítas) diretamente subordinados à autoridade superior do Papa. Dotados de uma profunda formação intelectual e doutrinal e de uma rigorosa disciplina, os Jesuítas integravam-se na sociedade dedicando-se à expansão do catolicismo. Como professores, através dos seus prestigiados colégios (Doc. 25D) aproximaram-se dos jovens fornecendo-lhes uma sólida formação intelectual e cristã. Desempenharam também um papel importante na missão dos povos das regiões colonizadas (Doc. 25D), e na reconversão de regiões da Europa que se tinham tornado protestantes (Doc. 25E).

O impacto da Reforma católica na sociedade portuguesa.

- **Exploração dos documentos 26 e 27A, B, C e D, pp. 117 a 119 / Resposta às questões, p. 119:** Em Portugal, as orientações do Concílio de Trento foram imediatamente aplicadas, contando com o apoio da coroa portuguesa. No que se refere à Reforma católica, criaram-se seminários e cumpriram-se as normas eclesiásticas de moralização do Clero. Em 1540, D. João III autoriza o estabelecimento dos Jesuítas que passam a desempenhar um importante papel no ensino em Portugal e na missão dos povos do Brasil e do Oriente (Doc. 25D). Em 1536, D. João III permite o estabelecimento da Inquisição em Portugal e, em 1547, é publicado o primeiro Índice. Inicia-se um longo período de opressão intelectual que recaiu, sobretudo, sobre a produção literária dos humanistas (Gil Vicente, Sá de Miranda, Bernardim, Luís de Camões, Damião de Góis, António Ferreira), cujas obras foram censuradas ou proibidas (Doc. 26 B). A atuação da Inquisição em Portugal visou sobretudo os cristãos-novos, judeus convertidos após o edito de D. Manuel I. Frequentemente responsabilizados pelos “males do mundo” (Doc. 27A) e alvo da inveja dos católicos pelo seu estatuto económico e cultural, os cristãos-novos eram permanentemente vigiados e indiciados por, secretamente, manterem as práticas judaicas (Doc. 27B). Presos, sujeitos a interrogatórios e torturas violentas, julgados como culpados eram condenados em auto de fé, à morte na fogueira (Doc. 27D) e os seus bens eram confiscados. Para fugir às perseguições e à morte, muitos dos cristãos-novos abandonaram Portugal em direção a outras regiões de maior tolerância. A Inquisição deixou profundas marcas na sociedade portuguesa: os negócios foram entravados, a modernização cultural e científica cerceada e os severos padrões morais e doutrinários modelaram a sociedade impregnando-a de sentimentos de medo e de culpa.

4 Síntese

- Síntese oral ou escrita com as ideias fundamentais.
- Síntese esquemática, construída ao longo, ou no final da aula.

5 Avaliação

- Observação direta focada na qualidade das intervenções e respostas dos alunos às questões levantadas pelos documentos e pelo professor.
- Resolução, em TPC, das atividades propostas no Dossiê, pp. 120-121.

6.3 Guião para uma visita ao Mosteiro dos Jerónimos

A – Panorâmica do Mosteiro



B – Notícia histórica

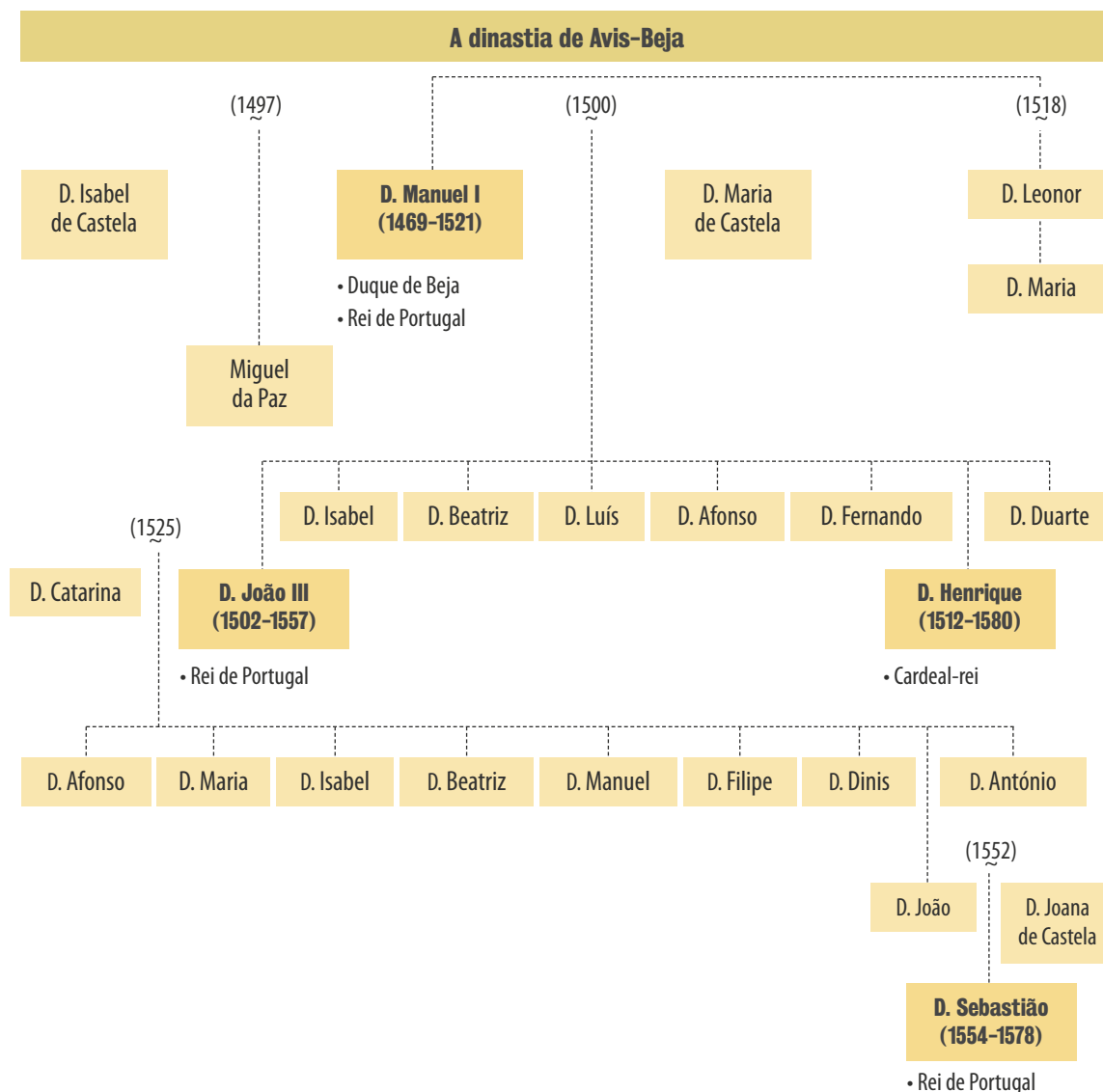
Diz-nos o humanista Damião de Góis que D. Manuel foi movido a mandar construir o Mosteiro de Santa Maria de Belém, junto à antiga praia do Restelo, pela muita devoção que tinha a Nossa Senhora, bem como para fazer do local o jazigo e sepultura “da sua real pessoa e da rainha D. Maria, sua mulher, e filhos”.

Na verdade, D. Manuel não estava destinado a ser rei. Cunhado do seu antecessor, D. João II, recebeu o trono de forma inesperada, pela morte trágica do príncipe herdeiro. A História chamá-lo-ia de *Venturoso*. Entendeu, então, o monarca glorificar o ramo dinástico – de Avis-Beja – que se iniciava. E agradecer à Virgem. O mosteiro surgiu. Também conhecido pelo nome de *Mosteiro dos Jerónimos* – por ter sido entregue aos frades jerónimos –, ergue-se no local onde, anteriormente, estava a ermida de Santa Maria de Belém, fundada pelo Infante D. Henrique. Nela orou Vasco da Gama na véspera da partida para a Índia.

Considera-se ser o Mosteiro dos Jerónimos a consagração do esforço expansionista português. Com efeito, na praia do Restelo fundeavam os barcos de grosso calado que demandavam os mares desconhecidos: de lá partiram, por exemplo, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral. As suas paredes, onde estão gravados os testemunhos dessa aventura, foram, por sua vez, levantadas com o contributo do ouro da Guiné e das especiarias e pedrarias da Índia.

Com uma fachada que se estende por mais de 300 metros, o edifício é grandioso. Não intimida, no entanto, quem o contempla da Praça do Império. O calcário de lioz e a acentuada horizontalidade de linhas conferem-lhe serenidade e leveza.

Até 1833, data da extinção das ordens religiosas, o mosteiro foi habitado pelos monges da Ordem de S. Jerónimo. Passou, então, a integrar os bens do Estado, convertendo-se o espaço conventual em colégio da Casa Pia de Lisboa, que aí permaneceu até 1940. Em 1907, o Mosteiro foi declarado *Monumento Nacional*. Em 1984, foi a vez de a UNESCO o classificar *Património Cultural de toda a Humanidade*.



C – Notícia artística

As obras do mosteiro iniciaram-se em 1502 e foram oficialmente encerradas em 1604. Tão dilatado período de construção, em que foram vários os mestres responsáveis, explica a diversidade de tendências artísticas.

Assim:

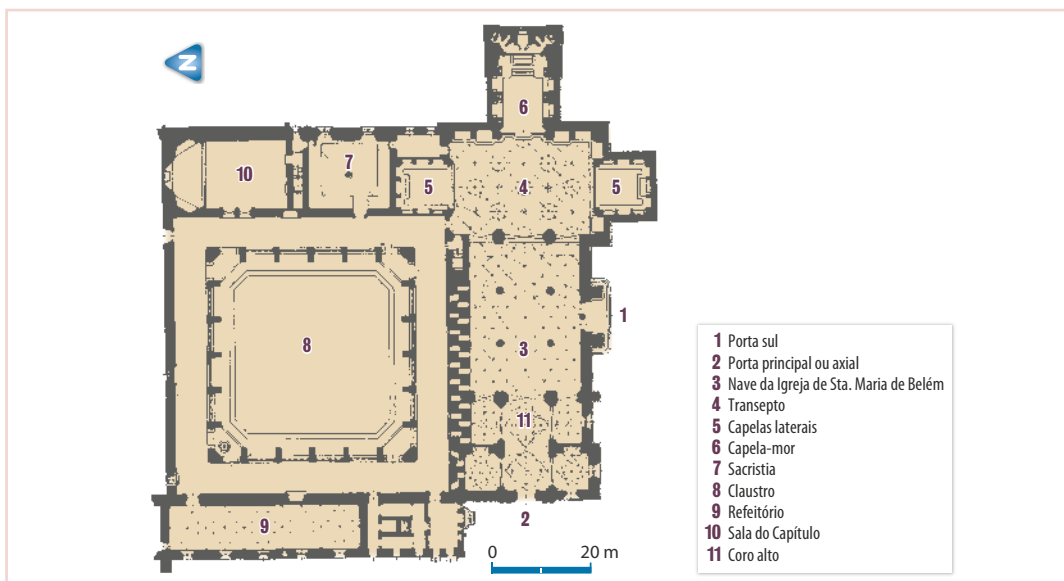
1 Até 1516, a planificação geral da obra pertenceu a um arquiteto francês, Boytac¹, de acordo com as linhas estruturais do gótico final europeu. A gramática decorativa é, porém, manuelina, pois faz uso das cordas, dos cabos, dos troncos, da esfera armilar e do escudo nacional. Trata-se de uma fase **gótico-naturalista**.

2 A partir de 1517, a direção dos trabalhos pertenceu ao biscaíno **João de Castilho**, que soube combinar formas clássicas com a exuberância da decoração manuelina e até plateresca. A sua intervenção fez-se sentir nas abóbadas e pilares da igreja, no claustro, na sacristia, nas portas sul e poente. É a **fase gótico-renascença**.

¹ Também denominado Boutaca ou Boitaca.

- 3 De 1540 a 1551, **Diogo de Torralva**, o maior arquiteto do Alto Renascimento português, procede ao arranjo da capela-mor e executa as galerias norte e noroeste do andar alto do claustro, assim como a platibanda superior. Pertence-lhe, também, o cadeiral do coro. É a **fase clássica**.
- 4 De 1563 a 1601, **Jerónimo de Ruão** terminou a capela-mor em estilo maneirista. Foi, também, autor do arranjo interno do transepto, assim como do jardim do claustro principal. É a **fase maneirista**.

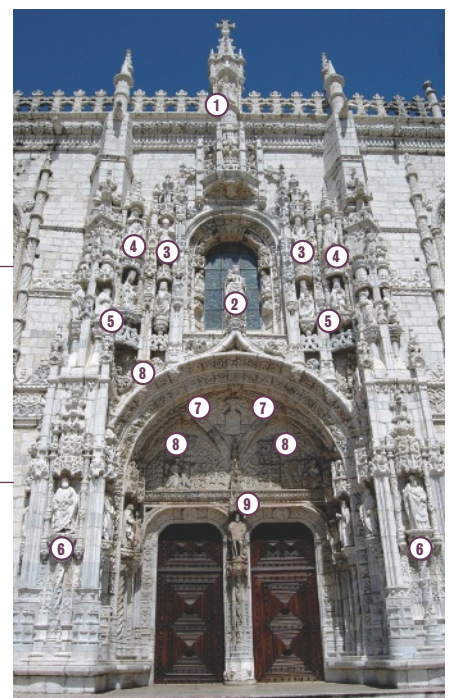
D – Planta do edifício



E – A visita

- 1 **O portal sul.** O projeto pertence a Boytac e a decoração aos franco-flamengos que trabalharam com o biscainho João de Castilho, entre 1517 e 1518. Embora seja a porta mais aparatosa, está-lhe apenas reservado o papel de entrada lateral. Analisemo-lo:

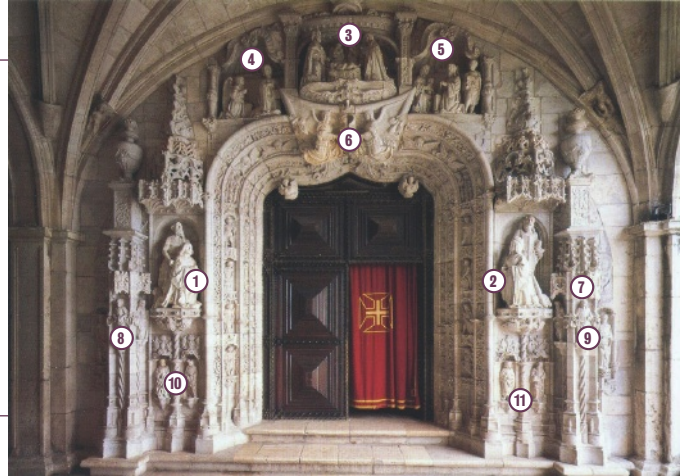
- | | |
|---|------------------------------------|
| ① Arcanjo S. Miguel, anjo custódio de Portugal | ⑤ Sibilas |
| ② Santa Maria de Belém com o Menino
(segura uma taça com as oferendas dos Reis Magos) | ⑥ Doze apóstolos |
| ③ Profetas Daniel, Ezequiel, Isaías, Jeremias | ⑦ Símbolos manuelinos |
| ④ Padres e doutores da Igreja (S. Jerónimo,
Sto. Agostinho, S. Gregório Magno e Sto. Ambrósio) | ⑧ Episódios da vida de S. Jerónimo |
| | ⑨ Infante D. Henrique |



- Quem lhe parece ser a figura principal deste portal? Porquê?
- Explique a presença da figura do Infante D. Henrique.
- Qual o espírito que anima a composição: do gótico ou da renascença?

2 A porta principal ou axial. O projeto é de Boytac e a execução de Nicolau Chanterenne, que trabalhou na equipa de Castilho, em 1517. É a porta fronteira ao altar-mor. Quem são as figuras nela esculpidas?

- ① D. Manuel, acompanhado pelo santo patrono S. Jerónimo
- ② D. Maria, acompanhada pelo santo patrono S. João Baptista
- ③ Natividade
- ④ Anunciação à Virgem
- ⑤ Adoração dos Reis Magos
- ⑥ Anjos com o escudo de Portugal
- ⑦ Apóstolos
- ⑧ Infante Santo
- ⑨ S. Vicente (padroeiro de Lisboa)
- ⑩ S. João e S. Lucas
- ⑪ S. Mateus e S. Marcos



- Explique a presença do casal régio.
- Localize símbolos do manuelino.
- Evidencie o tratamento renascentista das figuras de D. Manuel e D. Maria, assim como dos respetivos patronos.

3 A Igreja de Sta. Maria de Belém. Transpondo a porta principal, depara-se-nos o recinto sagrado da igreja. Temos, em primeiro plano, uma perspetiva da nave central e da abóboda; a seguir, o cruzeiro; ao fundo, a capela-mor.

As três **naves** da igreja (de planta em cruz latina) têm a mesma altura, configurando o espaço da igreja-salão. São delimitadas por altos pilares octogonais exuberantemente decorados com motivos góticos e renascentistas. Na base do pilar norte que separa a nave do cruzeiro, encontra-se um medalhão à romana com o retrato de João de Castilho, a quem se deve a conceção dos pilares e da abóbada.

A cobertura das naves é feita mediante uma abóbada única, polinervada, que se assemelha a enormes palmeiras abertas, criando subtis efeitos de luz.

O vão do **cruzeiro** é o lugar santo por excelência da igreja. Aí se representavam os grandes ritos do Estado (celebrações litúrgicas, veladas cívicas, solenes exéquias) que conferiam à monarquia um papel mediador entre Deus e os homens. A abóbada do cruzeiro, possuidora de uma complexa rede de nervuras, não tem qualquer pilar a sustentá-la numa largura de 30 metros; por isso, é considerada uma das mais arrojadas criações do gótico europeu.

Na capela do braço esquerdo do **transepto**, estão sepultados o cardeal-rei D. Henrique, bem como outros filhos de D. Manuel. Na capela do braço direito, encontram-se os túmulos dos descendentes de D. João III, incluindo o do rei D. Sebastião, seu neto.

Presumem-se, na verdade, serem do malogrado D. Sebastião os restos mortais do túmulo que ostenta o seu nome. Recolhidos em Alcácer Quibir, foram levados para Ceuta, em dezembro de 1578, de onde, quatro anos depois, Filipe I de Espanha / II de Portugal os mandou trasladar para os



A Igreja de Sta. Maria de Belém.

Jerónimos, com as devidas honras fúnebres. Provar a morte do sobrinho, de quem herdara o trono, só o beneficiava... É que, para muitos, D. Sebastião não morrerá. Numa manhã de nevoeiro, o Encoberto haveria de voltar para redimir a Pátria. Estava lançado o mote para o mito do **sebastianismo**. Essência da alma lusa e/ou lenitivo nacional? Não resistimos a deixar-lhe uma passagem alusiva da obra de Fernando Pessoa, *Mensagem*. Ouçamos o pedido e a promessa de D. Sebastião:

*“Esperai! Caí no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.*

*Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.”*

Fernando Pessoa, *Mensagem*

Entremos na **capela-mor**, obra de Jerónimo de Ruão, inaugurada em 1572. Todos os elementos se inspiram na gramática decorativa greco-romana: abóbadas de berço redondo e de quarto de esfera; ordens sobrepostas; proporções rigorosas; apainelados de mármore. É neste espaço que se encontram os túmulos dos reis fundadores, D. Manuel e D. João III, e das respetivas esposas, D. Maria e D. Catarina.

- Identifique os espaços e elementos artísticos atrás referidos.
- Identifique os membros da família real sepultados nos Jerónimos.
- Interprete a figura do animal escolhido para suportar as arcas tumulares.
- Sublinhe a diversidade estilística da igreja.

Concebida para panteão de reis e príncipes e lugar de culto permanente e solene por suas almas, a Igreja de Belém acolheria, em fins do século XIX (1880), dois dos mais ilustres portugueses de sempre: **Vasco da Gama e Luís de Camões**. Pois não foi a proeza de Gama, pela sua natureza e repercussões, o feito mais heroico do reinado do *Venturoso* e da nossa expansão marítima? E não coube a Camões, o príncipe das letras lusas, a maior celebração do feito?

Pela pena do Poeta, ouçamos o diálogo entre D. Manuel e Vasco da Gama, em que este recebe a incumbência de demandar a Índia. Sugerimos, naturalmente, uma leitura expressiva por dois alunos.

D. Manuel

*“As cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que, quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.
Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empresa, qual a vós se deve,
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve”*

Vasco da Gama

*“Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.
Imaginaí tamanhas aventuras
Quais Euristeu a Alcides inventava [...]
Porque a maior perigo, a mor afronta,
Por vós, ó Rei, o espírito e carne é pronta.”*

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto IV, 78, 79, 80

4 O claustro. Neste local calmo e airoso, tinham os monges momentos de oração, meditação e recreio. Projectado por Boytac nos inícios do século XVI, o claustro dos Jerónimos foi continuado por João de Castilho desde 1517 e concluído por Diogo de Torralva entre 1540 e 1541. Reveste a forma quadrangular e apresenta-se com duplo piso abobadado. É considerado um ex-libris da arte manuelina, revestindo a sua decoração um alto valor simbólico.

No **piso térreo**, a abóbada de cruzaria gótica, projetada por Boytac, funde-se harmoniosamente com a decoração plateresca e manuelina de Castilho. Com efeito, arabescos simétricos, elementos vegetalistas, nacionalistas e até religiosos preenchem as pilastras, as arquivoltas, as mísulas e bandeiras.

Na *ala norte*, as divisas de D. Manuel e de D. Maria (esfera armilar e açucenas, respetivamente) misturam-se com o nome de Jesus (IHS), o M coroado (Virgem Maria/Maria Regina), as Cinco Chagas e, nos cantos, a Anunciação e a Pietà. Pretendia-se, com esta emblemática, exprimir simbolicamente uma relação mítica entre Cristo e a monarquia portuguesa, num esforço de sacralização da casa real.

Na *face sul*, estão quatro bustos de navegadores do ciclo manuelino (Cabral?/N. Coelho?/P. da Gama?/V. da Gama?), o Sol e, nos cantos, a heráldica do rei e da rainha. É a evocação da navegação como instrumento operatório da tarefa nacional de converter o mundo à Fé de Cristo, isto é, ao verdadeiro conhecimento (luz do Sol?).

Nas *alas ocidental e oriental*, as representações da Paixão lembram a importância da contemplação do sofrimento de Cristo (através do exemplo da figura do eremita de S. Jerónimo) como meio de salvação da Humanidade (figura do mundo).

- Descubra, nas alas norte e sul do piso térreo do claustro, os símbolos referidos atrás.
- Exponha o conteúdo dos instrumentos da Paixão de Cristo representados nas alas ocidental e oriental do piso térreo.
- Procure saber o significado do ☒ contido numa moldura da ala ocidental.
- Desenhe um esboço do claustro e situe nele os símbolos referidos.

No piso térreo, foi, em 1985, colocado o túmulo daquele que, ao lado de Camões, é um dos maiores vultos da nossa literatura: Fernando Pessoa (1888-1935). Neste claustro, evocador da grandeza do sonho imperial, ocorre-nos de imediato o seu “Mar Português”:

*“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!”*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.”*

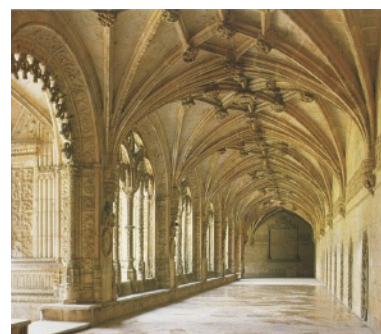
Fernando Pessoa, *Mensagem*

Mas o claustro dos Jerónimos não é apenas símbolo do passado. Nele também se prepara a construção do futuro. Sob uma cúpula translúcida, em 12 de Junho de 1985, decorreu, no seu jardim, a assinatura do tratado de adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia.

Subamos, agora, ao **piso superior**. Está imbuído de classicismo. Os relevos do varandim e os nichos com estátuas são de João de Castilho. Os bustos de imperadores romanos, na platibanda, pertencem a Diogo de Torralva.



Piso superior



Piso térreo

5 A sacristia

Esta ampla sala, quase quadrada, apresenta uma original abóbada irradiando de uma coluna central, decorada em estilo renascentista por João de Castilho. Destacam-se, no espaldar do arcaz em madeira, catorze tábuas representando cenas da vida de S. Jerónimo.

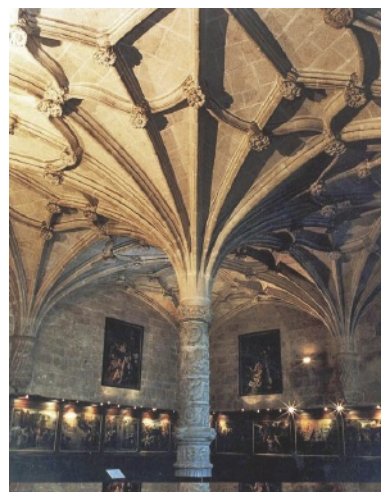
6 O refeitório

Foi construído entre 1517 e 1518 pelo mestre Leonardo Vaz e seus discípulos. A abóbada é polinervada e abatida. No século XVIII, as paredes foram revestidas por um silhar de azulejos, onde estão representadas cenas do Antigo e Novo Testamento.

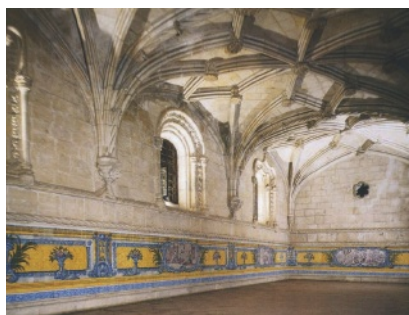
7 A Sala do Capítulo

Desenhada por João de Castilho, restou incompleta até ao século XIX, em que foi abobadada com a intenção de servir de panteão literário.

Nela permanece, desde 1888, o túmulo de Alexandre Herculano, cujo funeral, em 1877, teve honras nacionais. O “pai” da moderna historiografia portuguesa foi, também, o primeiro presidente do município de Belém.



Sacristia



O refeitório



Sala do Capítulo



Coro alto

8 O coro alto

Destinava-se às orações, cânticos e ofícios religiosos dos monges, que, nele, deviam permanecer 7 horas diárias! O cadeiral é considerado uma obra-prima em madeira da escultura renascentista. Desenhado por Diogo de Torralva, foi executado por Diogo de Çarça.

Chegamos ao fim da nossa visita. É altura de refletirmos no que vimos, no que aprendemos, nestas seculares pedras que são memória da nossa História. No relatório a efetuar, busque resposta para as questões.

- Qual ou quais o(s) arquiteto(s) que, em seu entender, fizeram do Mosteiro dos Jerónimos uma obra representativa do estilo manuelino? Justifique.
- Qual a parte do mosteiro que, de mais perto, tocou a sua sensibilidade? Porquê?
- Mostre porque é o mosteiro um símbolo da Expansão Marítima.
- Relacione a construção do mosteiro com o engrandecimento e a afirmação do poder régio por parte de D. Manuel.
- Porque é o mosteiro escolhido para panteão de figuras nacionais?

7

Guia de Exploração do *PowerPoint*[®] (amostra)

A abertura europeia ao mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI

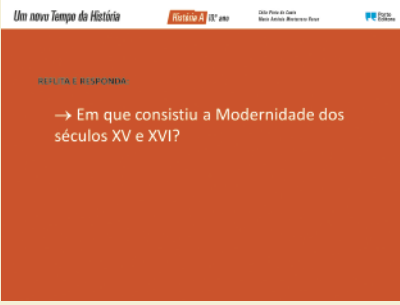
Slides	Conteúdos a desenvolver	Exploração didática
1. A abertura europeia ao mundo – mutações nos conhecimentos, sensibilidades e valores nos séculos XV e XVI 	Introdução ao Módulo 3: rubricas a tratar (Manual, Parte 3, p. 8)	- Associação das imagens a movimentos históricos localizados nos séculos XV e XVI: - a <i>Expansão marítima</i>, que permitiu a abertura europeia ao mundo de um ponto de vista geográfico e antropológico; - o <i>Renascimento</i>, uma renovação cultural que valorizou a Antiguidade clássica e, em alguns aspetos, a superou; - a <i>Reforma</i> protestante e a <i>Contrarreforma</i>, transformações religiosas que renovaram o cristianismo. - Consulta da barra cronológica das pp. 8-9, para localização no tempo dos movimentos históricos atrás referidos. - Consulta do mapa das pp. 8-9 para recordar as grandes viagens dos europeus que permitiram a abertura ao mundo nos séculos XV e XVI. - Levantamento de <i>questões orientadoras</i>: - Em que consistiu a abertura europeia ao mundo do ponto de vista geográfico e antropológico? Que meios técnicos a tornaram possível? - Em que consistiu a renovação cultural renascentista? - Que transformações religiosas foram proporcionadas pela Reforma protestante e pela Contrarreforma?
2. Uma nova Europa dinâmica com vários epicentros culturais 	1. A geografia cultural europeia de Quatrocentos e Quinhentos 1.1 Principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações 1.2 O cosmopolitismo das cidades hispânicas – importância de Lisboa e Sevilha	- Identificação de alguns dos polos culturais da Europa renascentista: cidades italianas, Países Baixos, França, Estados alemães, Polónia, países ibéricos. - Relação do dinamismo cultural desses polos com inovações técnico-científicas, o Humanismo e as transformações artísticas. - Explicação do funcionamento da importante inovação técnica que foi a <i>impressão</i>, a partir da gravura do doc. 2 (Manual, Parte 3, Unidade 1). - Reflexão sobre a afirmação do historiador F. Braudel de que “a imprensa, a navegação no mar alto e a artilharia foram as maiores invenções do Renascimento”.

Slides	Conteúdos a desenvolver	Exploração didática
3. Os patrocinadores das transformações culturais 	3. A produção cultural 3.1 Distinção social e mecenato 1. A geografia cultural europeia do Quatrocentos e Quinhentos 1.1 Principais centros culturais de produção e difusão de sínteses e inovações 1.2 O cosmopolitismo das cidades hispânicas – importância de Lisboa	■ Reconhecimento da prática do mecenato. ■ Relação do mecenato com a recuperação económica da Época Moderna e a projeção do individualismo. ■ Análise de documentos sobre Lourenço de Médici, unidade 3, D. Manuel I, unidade 1, Papa Leão X, unidade 4 (Manual, Parte 3).
4. A Europa da técnica e da ciência (1) 	2. O alargamento do conhecimento do Mundo 2.1 O contributo português – técnicas náuticas	■ Relação do alargamento do conhecimento do mundo com os progressos técnicos operados pelos Portugueses na construção naval e na navegação astronómica. ■ Análise dos docs. 1, 2, 3 e 4 da unidade 2 (Manual, Parte 3).
5. A Europa da técnica e da ciência (2) 	2. O alargamento do conhecimento do Mundo 2.1 O contributo português – a cartografia	■ Análise da evolução da cartografia desde a Antiguidade ao século XVI. ■ Relação dos progressos cartográficos com as grandes viagens dos Descobrimentos realizadas nos séculos XV e XVI. ■ Análise do doc. 5 da unidade 2 (Manual, Parte 3).

Slides	Conteúdos a desenvolver	Exploração didática
6. A Europa da técnica e da ciência (3) 	2. O alargamento do conhecimento do Mundo 2.1 O contributo português – observação e descrição da Natureza	■ Constatação do alargamento do conhecimento da natureza biológica (floras, faunas) e física (terrestre e celeste), contrariando, muitas vezes, conclusões dos Antigos. ■ Relação do alargamento do conhecimento com as observações e experiências havidas nos contactos com outros continentes e mares (experencialismo) ■ Análise dos docs. 6, 7 e 8 da unidade 2 (Manual, Parte 3). ■ Confirmação da valorização do conhecimento experimental na prática da dissecação de cadáveres.
7. A Europa da técnica e da ciência (4) 	2. O alargamento do conhecimento do Mundo 2.2 O conhecimento científico da Natureza – a matematização do real; a revolução das concepções cosmológicas	■ Identificação das principais diferenças entre o sistema geocêntrico de Ptolomeu e o sistema heliocêntrico de Copérnico. ■ Relação da revolução cosmológica com os progressos da observação, da experimentação e do cálculo matemático, isto é, com o nascimento do <i>método científico</i>. ■ Análise do doc. 12 da unidade 2 (Manual, Parte 3).
8. A Europa da técnica e da ciência (5) 	5. As novas representações da Humanidade 5.1 O encontro de culturas e as dificuldades de aceitação do princípio da unidade do género humano – a escravização, missão e miscigenação	■ Constatação das dificuldades que acompanharam o encontro das culturas proporcionado pelas viagens de descoberta dos séculos XV e XVI: da destruição de mitos à dificuldade de aceitação do Outro e à imposição pela força da presença branca. ■ Relação do genocídio e da escravização de índios e negros com o confronto de culturas então verificado. ■ Análise dos docs. 4 e 5 e do Dossiê “A escravização dos índios americanos”, da unidade 5 (Manual, Parte 3).

Slides	Conteúdos a desenvolver	Exploração didática
9. A Europa da erudição humanista e da revolução artística (1) 	3. A produção cultural 3.2 Os caminhos abertos pelos humanistas	- Reconhecimento da valorização da excelência do ser humano no Renascimento, mercê da prática do estudo e da vida virtuosa (antropocentrismo). - Reconhecimento da valorização dos clássicos, da dignificação das línguas nacionais e do exercício do espírito crítico por parte do Humanismo. - Explicação da expressão <i>consciência da modernidade</i>, a partir da análise do doc. 13 da unidade 2 (Manual, Parte 3).
10. A Europa da erudição humanista e da revolução artística (2) 	3. A produção cultural 3.3 A reinvenção das formas artísticas – imitação e superação dos modelos da Antiguidade: a pintura	- Identificação das características que revolucionaram a pintura renascentista: a perspectiva, a pintura a óleo, o naturalismo. - Reconhecimento do tributo prestado à Antiguidade pelos pintores renascentistas. - Reconhecimento do lugar central ocupado pelo ser humano na pintura renascentista. - Análise dos dossiês: “A perspectiva na pintura italiana do Renascimento” e “Nuno Gonçalves e os Painéis de S. Vicente”, unidade 3 (Manual, Parte 3).
11. A Europa da erudição humanista e da revolução artística (3) 	3. A produção cultural 3.3 A reinvenção das formas artísticas – imitação e superação dos modelos da Antiguidade: a escultura	- Identificação de influências clássicas e do naturalismo na escultura renascentista. - Reconhecimento do lugar central ocupado pelo ser humano na escultura renascentista.

Slides	Conteúdos a desenvolver	Exploração didática
12. A Europa da erudição humanista e da revolução artística (4) 	3. A produção cultural 3.3 A reinvenção das formas artísticas – imitação e superação dos modelos da Antiguidade: a arquitetura	■ Identificação de influências clássicas na estrutura arquitetónica renascentista e na respetiva gramática decorativa. ■ Constatação da existência de características inovadoras na estrutura da arquitetura renascentista. ■ Análise dos docs. 21, 22 e 24 da unidade 3 (Manual, Parte 3).
13. A Europa da erudição humanista e da revolução artística (5) 	3. A produção cultural 3.3 A reinvenção das formas artísticas – imitação e superação dos modelos da Antiguidade: arquitetura civil e urbanismo	■ Relação dos projetos urbanísticos do Renascimento com o equilíbrio e a harmonia dos clássicos. ■ Identificação da finalidade dos muitos palácios e villae construídos no Renascimento. ■ Análise dos docs. 26-30 da unidade 3 (Manual, Parte 3).
14. A Europa da erudição humanista e da revolução artística (6) 	3. A produção cultural 3.3 A arte em Portugal: o gótico-manuelino e a afirmação das novas tendências renascentistas	■ Identificação da diversidade dos elementos arquitetónicos e decorativos que se fundem na chamada <i>arte manuelina</i>. ■ Relação da pujança do gótico-manuelino com o atraso manifestado no aparecimento da estética clássica em Portugal. ■ Análise dos docs. 31 e 32 da unidade 3 (Manual, Parte 3).

Slides	Conteúdos a desenvolver	Exploração didática
15. Efeitos das transformações culturais nas crenças e práticas religiosas (1) 	4. A renovação da espiritualidade e da religiosidade 4.1 A Reforma protestante	- Identificação de críticas, por parte de humanistas, ao desregramento de costumes do Papa e do clero. - Relação da “Questão das Indulgências” com o início da Reforma protestante, protagonizada por Lutero. - Identificação de aspetos comuns e específicos do luteranismo, calvinismo e anglicanismo. - Análise dos docs. 5C, 8, 9, 12, 13 e 19 da unidade 4 (Manual, Parte 3).
16. Efeitos das transformações culturais nas crenças e práticas religiosas (2) 	4. A renovação da espiritualidade e da religiosidade 4.2 Contrarreforma e Reforma católica	- Identificação do ambiente de antagonismo ideológico e repressivo entre católicos e protestantes. - Reconhecimento das dificuldades em aceitar e praticar a tolerância religiosa. - Análise dos dossiês: “A difícil convivência religiosa no século XVI” e “O processo de Damião de Góis na Inquisição”, da unidade 4 (Manual, Parte 3).
17. Em que consistiu a Modernidade dos séculos XV e XVI? 	Tópicos de resposta A resposta deve colocar a tónica em: - Conhecimento de terras, mares e povos à escala do planeta (“desencravamento planetário”). - Surto de progressos técnicos que favoreceram o desenvolvimento económico e cultural e o domínio da Europa sobre o mundo (instrumentos náuticos, cartografia, imprensa, artilharia). - Lançamento das bases para a criação do método científico (pelo reconhecimento do valor da observação e da experimentação, articuladas com o raciocínio matemático), que afirmou o primado da Razão (e não da Igreja ou dos Antigos) no conhecimento da Natureza. - Crença nas possibilidades do espírito humano (antropocentrismo) e manifestações de individualismo. - Consciência da superioridades das formas literárias e artísticas da Antiguidade sobre as da Época Medieval. - Dignificação das línguas nacionais pelo Humanismo, apesar do culto do grego e do latim. - Invenção da perspetiva e da pintura a óleo. - Triunfo do naturalismo na arte. - Desafio da autoridade da Igreja e construção de uma nova religiosidade.	

